



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

MELISSA ROCHA BARBOSA

**WILL E LYRA EM FRONTEIRAS DO UNIVERSO DE PHILIP
PULLMAN**

Salvador
2010



MELISSA ROCHA BARBOSA

**WILL E LYRA EM FRONTEIRAS DO UNIVERSO DE PHILIP
PULLMAN**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação.

Orientadora: Professora Doutora Maria Carmem Jacob de Souza.

Salvador
2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço as pessoas que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A professora-orientadora Maria Carmem Jacob de Souza pela dedicação, atenção, conselhos, paciência, questões discutidas, dicas de leituras e orientação nos momentos em que me encontrei um pouco perdida.

A minha mãe por ser sempre uma importante companheira, incentivadora e verdadeira amiga.

Ao meu pai por ter sido o meu principal incentivador a gostar de ler, por sempre me comprar histórias em quadrinhos, livros infantis e histórias que marcaram toda a minha infância e começo da adolescência. Hoje ele não está presente, mas com certeza estaria orgulhoso por eu ter escolhido a literatura como tema para conclusão de curso.

A amiga Taise Short por ter me apresentado Fronteiras do Universo e apoio nos momentos que precisei para a realização deste projeto quando pensei em declinar e buscar outra alternativa como conclusão de curso.

Ao amigo Cristiano Mello pelo apoio e incentivo, além de toda paciência nos momentos difíceis para conclusão deste trabalho.

A amiga Jamile Sampaio pelos incontáveis momentos de discussão sobre a ficção de Philip Pullman.

“Se leio com prazer, é porque foi escrito com
prazer” Roland Barthes

RESUMO

Este estudo analisou as personagens William Parry, Lyra Belacqua, Marisa Coulter, Lorde Asriel, Mary Malone, o daemon de Lyra, Pantalaimon, e as bruxas das narrativas ficcionais seriadas de Philip Pullman nos romances “A Bússola de Ouro”, “A Faca Sutil” e “A Luneta Âmbar” que compõem a trilogia Fronteiras do Universo. Foram examinadas as estratégias de construção das narrativas ficcionais seriadas segundo os gêneros literários desenvolvidos. Os conceitos mais importantes para o desenvolvimento desse trabalho foram baseados nos autores Umberto Eco, com suas contribuições sobre as narrativas e estudos sobre a seriação nas obras literárias, Tzvetan Todorov para o entendimento sobre os gêneros literários e os discursos, Teresa Colomer para o entendimento quanto à importância e de que forma se deu a formação das crianças e dos jovens para a formação da literatura, Antônio Cândido para a caracterização de como se constrói e se caracterizam as personagens do mundo de ficção, Lígia Cademartori com sua retrospectiva desde o surgimento da literatura voltada para o público mais jovem no século XVII e a sua modificação na modernidade e muitos outros autores que nos felicitam com suas belas histórias de ficção trazendo momentos alegres e prazerosos a cada nova aventura. Henry Jenkins, para a compreensão da importância da inserção da literatura no campo da comunicação. Foi através dos conceitos que ele trabalha no seu livro “Cultura da Convergência” que algumas idéias ficaram mais claras para mim e pude realizar de forma mais consistente este trabalho.

Palavras-chave: Pullman; personagens de ficção; literatura e comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. TEXTO LITERÁRIO DESTINADO AOS JOVENS.....	11
2.1. O ACESSO ÀS HISTÓRIAS E A CRÍTICA ESPECIALIZADA.....	14
2.2. JOVENS COMO PÚBLICO: O CASO DO BRASIL.....	16
2.3. FRONTEIRAS DO UNIVERSO: DO AUTOR AO MERCADO EDITORIAL.....	19
3. OS ELEMENTOS NA NARRATIVA DE FRONTEIRAS DO UNIVERSO.....	22
3.1. UM MOSAICO DE GÊNEROS.....	22
3.2. A SERIAÇÃO COMO FORMA.....	25
4. ANÁLISE DE MUNDOS E PERSONAGENS EM FRONTEIRAS DO UNIVERSO.....	33
4.1. OS MUNDOS FICCIONAIS.....	33
4.2. AS PERSONAGENS.....	38
5. WILLIAM PARRY E LYRA BELACQUA.....	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
7.1. LIVROS E SITES.....	53
7.2. FICÇÃO TELEVISIVA E FÍLMICA.....	63

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma análise das personagens William Parry e Lyra Belacqua da trilogia “*Fronteiras do Universo*” – “*A Bússola de Ouro*”, “*A Faca Sutil*” e “*A Luneta Âmbar*” – do autor Philip Pullman. O intuito deste trabalho é mostrar a necessidade de um olhar mais apurado da crítica cultural especializada para um mercado com tendência a histórias seriadas para jovens leitores que encontra-se em expansão; a maneira como a crítica tem sido feita poderia ser revista, levando em consideração a natureza literária para não haver desqualificação dos produtos; responder qual é a importância de uma narrativa literária para o campo da comunicação hoje e como a cultura da convergência está presente no universo ficcional criado por Pullman.

O tema do trabalho surgiu a partir da observação do grande crescimento na internet de sites e blogs com temática voltada para a literatura infanto-juvenil, bem como a adaptação de livros desta faixa etária para o cinema e a televisão, feitas, principalmente, por jovens leitores. Como também possuo um blog nestes moldes, o interesse no estudo surgiu como objeto para conclusão do curso.

Com a dedicação a monografia, com a proposta que desenvolvi, eu pude entender um pouco mais como funciona o universo ficcional de um dos autores que eu mais gosto e como funciona em geral a construção de personagens em histórias para adolescentes. Além disso, despertou em mim um grande interesse em continuar explorando narrativas destinadas à este público, bem como explorar com olhos mais atentos o universo virtual que dedica um grande espaço para a literatura juvenil, já que é visível o número crescente de sites e blogs na internet mentidos por adolescentes que comentam, criticam, elogiam e trocam qualquer tipo de informações sobre livros.

É na internet que os fãs criam espaços e comunidades para publicar os fan fics que eles criam baseados nos seus livros favoritos e esperam ansiosamente os comentários e críticas sobre as suas próprias histórias.

A literatura através da comunicação comprova como os cidadãos a utilizam para participar de forma mais efetiva da produção de conteúdo e também para escolher o que e como querem consumir.

Os livros de Pullman abordam uma temática polêmica, já que o grande vilão da história e da própria evolução humana é a Igreja, mas possuem um universo ficcional fascinante e muito interessante, ao utilizar a existência de universos parecidos com o que conhecemos e habitamos e a existência de seres que possuem formas de animais sempre ligados aos seres humanos, pois representam as suas almas.

No entanto, foi fácil encontrar fãs da série no Brasil, principalmente na internet, onde eles discutem, comentam os livros, analisam as personagens, trazem novidades sobre os livros de Pullman, criticam positivamente e negativamente o primeiro filme da série de livros e até mesmo elaboram quiz para saber qual personagem os leitores são na história. Site como <http://www.cittagazze.com>, funciona como um fórum, onde apenas membros cadastrados podem participar. O blog oficial da série <http://abussoladeouro.spaces.live.com>, tem uma grande quantidade de seguidores ávidos por notícias de uma possível adaptação do segundo livro para o cinema. No site Yahoo, o grupo de discussão Fronteiras do Universo, http://br.groups.yahoo.com/group/fronteiras_do_universo/, além de discutir os livros, o filme, as personagens e a história, realiza encontros com os associados em diversas cidades do Brasil para que possam se conhecer e discutir pessoalmente as suas paixões pelo universo criado por Pullman. O site oficial do filme baseado no primeiro livro da série, “*A Bússola de Ouro*”, <http://newline.com/properties/goldencompassthe.html> fornece para os fãs da série papéis de parede, proteção de tela e fotos com imagens do filme e das personagens. Em sites de relacionamento como o Orkut, há diversas comunidades destinadas ao autor, as personagens centrais, como heróis, heroínas e vilões, aos livros e ao filme. Participam delas pessoas de 13 a 37 anos. Além de fazerem tudo que os usuários dos sites anteriores fazem, eles ainda trocam informações sobre onde é possível baixar gratuitamente os livros na internet, para os leitores com menor poder aquisitivo.

Autores, editoras e grandes estúdios de Hollywood estão enfrentando um novo tipo de movimentação cultural que eles não sabem como lidar e até onde pode haver um limite. Crianças, jovens e adultos, através da internet, criam comunidades para debater, comentar, criar vídeos e novas histórias sobre livros, filmes, séries de televisão e personagens que conquistaram fãs. De um lado há os detentores dos direitos autorais e do outro há os fãs que querem continuar experimentando a realidade criada e exposta por outro. Com isso, os objetivos do trabalho são apontar a importância da literatura para o campo da comunicação através da cultura da convergência e como os cidadãos se

vêm participando com direitos iguais em consumo, da fruição e também da produção de conteúdos, mesmo que a crítica cultural especializada ainda seja incipiente ou até mesmo insatisfatória para o que o mercado vem oferecendo.

O presente trabalho foi subdividido em sete partes. Na primeira parte, há a “Introdução” em seguida, “Texto literário destinado aos jovens”, explanei sobre a literatura destinada aos jovens, sua importância e finalidades que possui. Foi interessante saber da necessidade de se criar um gênero literário para jovens, conhecer como ela funciona e porque tem determinadas características. São apresentados o acesso dos jovens às histórias, como se dá e o que desperta a atenção neles, a crítica especializada que ainda é bem pequena, os jovens como público alvo, com seus interesses, necessidades e o que buscam nas histórias e a trilogia “Fronteiras do Universo” no mercado editorial brasileiro e mundial.

A terceira parte, “Os elementos na narrativa de Fronteiras do Universo”, é o momento em que me dedico a explicar que os livros de Pullman compõem não apenas um único gênero, mas um mosaico deles e o sistema de seriação como forma de manter o leitor atraído pela história e ansioso para continuar lendo e ávido por novidades, tendo a internet aí, um papel fundamental.

Na quarta parte, “Análise de mundos e personagens em Fronteiras do Universo”, há uma apresentação do universo ficcional de Pullman, o que há de particular nele e o que há de comum nele e em outras histórias para jovens; bem como uma análise das personagens criadas por Pullman e porque elas são originais e peculiares. Cito outras histórias de outros autores como forma de comparação e diferenciação entre eles e o autor estudado.

“William Parry e Lyra Belacqua”, é a quinta parte e há uma análise das personagens centrais nos livros para compreender como e porque os jovens leitores se sentem atraídos e se identificam com essas personagens que realizam feitos importantes e até mesmo bem improváveis para jovens tão novos e inexperientes.

A sexta e sétima parte foram dedicadas às “Considerações Finais” e “Referências Bibliográficas”.

Este trabalho, certamente, poderá trazer benefícios para aqueles que interagem com a literatura para jovens. Ele foi muito enriquecedor para mim, pois pude, através da proposta que desenvolvi, entender um pouco mais como funciona o universo ficcional de um dos autores que mais gosto, Philip Pullman, e como funciona em geral a construção de personagens em histórias para crianças e adolescentes. Além disso,

também despertou em mim um grande interesse em continuar explorando narrativas destinadas à este público, bem como explorar com olhos mais atentos o universo virtual que dedica um grande espaço para a literatura juvenil. E talvez seja a partir da internet, das comunidades criadas por fãs e da convergência entre as mídias que esteja localizada a fonte para que a crítica cultural possa começar a se desenvolver de forma mais consistente.

2. TEXTO LITERÁRIO DESTINADO AOS JOVENS

A literatura infantil e juvenil depende de um receptor muito mutável e isto condiciona o estudo do passado, já que se precisa dedicar muita atenção às condições de leitura nas quais se foi produzindo a recepção. (COLOMER, 2002, p. 35)

Os livros juvenis tem sido objeto de atenção desde o seu nascimento como fenômeno cultural no século XVIII. No entanto “partimos da ideia de que a narrativa infantil e juvenil se modernizou substantivamente nos últimos vinte anos, para poder adequar-se à mudança produzida nas condições de recepção de seus destinatários” (COLOMER, 2002, p. 14).

Durante a mudança do século XVIII para o século XIX a escolaridade obrigatória havia acabado de estabelecer-se em alguns países da Europa. Desta maneira havia uma progressiva alfabetização de todas as camadas sociais. O que configurou uma nova situação no campo educativo e proporcionou uma preocupação social com a literatura juvenil.

O surgimento da literatura para jovens se deu nesse contexto. Durante o século XVIII houve uma idealização da juventude, paralelamente a isso, a burguesia conquistou o poder político digno da sua capacidade econômica ascendente, impondo seus valores e sua cultura.

Os jovens deixaram de ser vistos como adultos em miniatura e passaram a ser enxergados como pessoas que estavam vivendo etapas especiais, com características e necessidades próprias.

Outro fator que influenciou a difusão da literatura infanto-juvenil que surgia no período foi o avanço tecnológico em diversas áreas da cultura e sociedade da época. E um dos papéis decisivos foi a modernização da imprensa que transformou o livro em um objeto em que um maior número de leitores pôde ter acesso, já que o seu preço foi reduzido e tornou-se, assim, um produto novo no mercado. As técnicas de industrialização modernizaram a vida das pessoas, bem como atingiu diretamente também a literatura, afinal foram produzidos livros em grandes quantidades, facilitando a sua distribuição e consumo, com mais rapidez e menor valor.

No que se refere a cultura, essas transformações da sociedade provocaram uma renovação da instituição escolar que foi muito importante para difundir a literatura, servindo de base pedagógica para crianças e jovens. As primeiras produções literárias para aos jovens leitores tinham como função principal a moralização da cultura e da educação, já que a burguesia, enquanto sociedade vigente, tinha como objetivo transmitir os seus ideais aos mais jovens. Com isso, os primeiros textos literários foram escritos por pedagogos e professores, com a preocupação educativa, pouco se importando com a questão estética.

O contexto no qual a literatura para jovens surge, justifica suas características e suas finalidades iniciais. Desta maneira, torna-se imprescindível conhecer dados da sociedade da época para ser possível compreender toda a história que acompanha a literatura infantil e juvenil e como ela acabou não se desvinculando das demais, até mesmo na atualidade. Primeiramente ela surge através da oralidade e posteriormente migra para a escrita, diante dos avanços alcançados, como veremos a seguir.

A palavra literatura deriva do latim “litterae” e significa “letras”. Com o passar do tempo a palavra não se fixou apenas nesse sentido, sendo compreendida como arte literária, como expressão de imagens.

Para Nelly Novaes Coelho, “literatura é um fenômeno de expressão, é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma experiência (a do autor) e provoca outra (a do leitor)” (COELHO, 1991, p. 35).

A arte literária é importante porque provoca sensações e emoções. É através dela que as pessoas conseguem criar as suas próprias imagens e cenas a partir do poder imaginário. A arte literária consegue ser ao mesmo tempo única e universal. Única porque é a partir dos elementos imaginados que as pessoas individualmente criam as imagens únicas; Universal porque provoca emoções e sensações em qualquer época e em qualquer parte do mundo.

A literatura, sendo considerada uma forma artística, tem como objetivo e premissa despertar e revelar emoções, sensações e sentimentos, utilizando como ferramenta para esse fim, as palavras, que organizadas de forma elaborada, alcançam a proposta inicial desse meio de expressão.

A finalidade da literatura é questionar a existência e a função do ser humano no mundo em que vivemos. Ela justifica-se por ser uma forma capaz de explorar as

reflexões e sentimentos dos seres humanos e, assim, possibilitar a eles uma maior compreensão das suas emoções e seus próprios sentimentos.

A literatura oral foi de importância relevante para o surgimento da literatura infanto-juvenil, já que foi adaptada para a forma escrita por autores ainda muito conhecidos na modernidade.

Essas narrativas primeiramente não foram escritas tendo como destinatário os jovens, mas sim os adultos. Os autores então adaptavam as histórias para que os adolescentes pudessem ter acesso, se interessarem pelo conteúdo e que não lhes causasse qualquer tipo de dano. O resultado foi a criação de contos e histórias que persistem até hoje, que influenciaram diversas gerações e encantam tanto adultos quanto os mais novos.

Os primeiros contos para jovens ainda no século XV possuía um tom moralizante e posteriormente, no século XVII, continuaram mantendo esse tom moralizante e pedagógico, mas no século XIX, outra coleta de contos populares, segundo Lígia Cademartori, foi realizada. Dentre diversos autores que foram surgindo, os maiores responsáveis pela criação de textos inovadores, com presença de elementos do fantástico e do maravilhoso foram os irmãos Grimm, Christian Andersen, Collodi, Lewis Carrol, Frank Baum, James Barrie, Tolkien, C. S. Lewis, dentre outros.

A imaginação é o primeiro elemento intrínseco relacionado à literatura para adolescentes. Sendo, portanto, um elemento essencial para que os jovens leitores consigam viver uma realidade diferente do que estão acostumados, para que consigam fugir do cotidiano e passar a experimentar situações e acontecimentos mais interessantes. Um universo em que ele pode ser um herói, ter poderes mágicos e ser capaz de feitos fantásticos.

Enquanto as crianças buscam e tem a tendência a ter preferências pelas histórias que possuam finais felizes onde os dramas são resolvidos, o adolescente muitas vezes no fundo também deseja histórias com finais felizes, porém eles já possuem uma vivência maior e sabem que nem sempre todas as histórias acabam bem e são bem resolvidas. Muitas sabem que situações adversas podem acontecer e que o final feliz nem sempre acontece. No entanto, apesar da literatura também refletir a realidade, ela permite todo e qualquer tipo de história. Seja ela de ficção científica, fantástica ou de conto de fadas. E o final feliz, apesar de todos os percalços enfrentados pelas

personagens, pode ser uma válvula de escape para uma fase bem difícil passada pelo ser humano: a adolescência.

A técnica de desenvolvimento está se referindo à história, a maneira como se apresenta, já que é o enredo o grande responsável por despertar a curiosidade e o interesse ou não do jovem leitor. Com relação à linguagem, por se tratar de uma literatura para jovens, existe dois tipos de linguagem: a gráfica – o texto escrito e a linguagem visual, a imagem. Na linguagem visual a imagem é fundamental nos textos literários infantis e não é constantemente utilizado nem tão valorizado nos textos para adolescentes. No entanto, quando existe, deve revelar alguma coisa a mais do que é fornecido na história, não apenas reproduzir o texto.

Estas são algumas características da literatura para jovens que não são fixas ou obrigadas a serem seguidas como um modelo. Elas podem se alterar a medida que os próprios jovens e o mercado exigir.

2.1 O ACESSO ÀS HISTÓRIAS E A CRÍTICA ESPECIALIZADA

Na pesquisa desenvolvida enquadrámos a série *Fronteiras do Universo – “A Bússola de Ouro”, “A Faca Sutil” e “A Luneta Âmbar”*-, como um romance na perspectiva de romance popular segundo Bourneuf (1976), pois permite ao leitor a apreciação de maneira fragmentada e apresenta características presentes em muitos gêneros literários.

O romance popular citado aqui refere-se ao gênero narrativo destinado ao entretenimento e lazer presente tanto na televisão, no cinema, no rádio e nos livros, que, em grande parte das vezes, é carregado de emoção, com histórias de mocinhos envolvidos em injustiças, desencontros, vilões sem escrúpulos e outras desgraças que somente o autor pode lhes reservar.

Do período que engloba a Idade Média até o século XVIII, como explica Roland

Bourneuf no livro *O Universo do Romance* (1976), o romance era visto como um gênero em oposição direta à língua erudita, sendo visto como um gênero pejorativo e menor, em uma sociedade em que apenas uma pequena parcela da população era alfabetizada e possuía tempo e dinheiro para custear o hábito de leitura. No entanto, do período que vai do final do século XVIII ao início do século XIX, os iluministas conseguiram difundir os seus ideais, os protestantes concretizaram a reforma protestante, a imprensa foi inventada, a produção de livros foi barateada e o domínio da língua escrita foi difundida. Esse conjunto dessas situações gerou o aparecimento do acesso e da apropriação dos materiais literários disponíveis no período.

Desta maneira, a concepção que se tinha de romance foi modificada. O que antes era um teor pejorativo, ganhou status de literatura, mesmo que seja de uma literatura popular, que abarca uma faixa grande de leitores.

Fronteiras do Universo não é uma coleção de livros que se classifique como sofisticada, já que não é composta de textos rebuscados, não tem pretensão de se colocar e se apresentar como arte, é um produto massivo com objetivo de entreter um público grande, mas que, no entanto, não deixa de oferecer uma experiência estética com leitura prazerosa.

Com a ampliação do público leitor, ocorreu uma expansão dos tipos de textos, de livros e de interesses. Passou-se a ter, desta forma, livros criados pensando como público alvo as mulheres, os acadêmicos, e também, um pouco mais tarde, crianças e jovens.

Na contemporaneidade escrever para o público mais jovem tornou-se prática de fonte de renda, uma vez que a tendência é que não apenas as editoras, como também os estúdios cinematográficos e de televisão tem investido muito nessa área, principalmente quando o livro faz bastante sucesso, pois já há uma tendência que ele migre para outras mídias. A literatura é a parte cultural que atinge a todos de um modo bastante particular. O texto literário que interessa para o mercado deve apresentar diversas interpretações da realidade, capazes de ir muito além dos limites do cotidiano e da visão comum, criando simulacros do mundo natural, permitindo que os jovens leitores mantenham a atenção, a fantasia e o imaginário aguçados.

Rosenberg (apud Eco, 1979, p. 44) chama a atenção para o fato de que, graças à Indústria Cultural, “toda massa de cidadãos se vê participando, com direitos iguais, dos consumos, da fruição das comunicações”, característica própria de uma sociedade industrial. (MORELLI, 2006, p. 52 – 53).

Refletir sobre a presença da literatura inserida neste contexto de tendência de mercado é também refletir sobre perdas e ganhos. Se a literatura tem função social, se a concebemos como uma busca de conhecimento, estar inserida em um contexto de mercado migratório que irá convergir para novas mídias, traz novos caminhos, outros níveis de percepção que transpõe o leitor para novas realidades, tendo chances de conhecer situações e acontecimentos universais. Quando a história está presente em um livro não há diretamente a composição de imagens e sons, o que por outro lado aumenta a capacidade de imaginação do leitor, mas quando há uma adaptação de um texto para audiovisual, além do que se perde, ganha-se possibilidades sonoras, efeitos lingüísticos e evoca-se sensações, formas e atributos que transmitem idéias. Diante disto, os autores podem pensar procurar escrever pensando na maneira como sua história poderia ganhar uma adaptação para o sistema audiovisual, pois um roteiro bem escrito, uma história bem amarrada, é certeza de agradar, fazer sucesso e virar alvo de desejo infantil e juvenil de ver as personagens que os conquistaram na telinha e/ou na telona.

2.2 JOVENS COMO PÚBLICO: O CASO DO BRASIL

A literatura para jovens está a pleno vapor no mercado editorial em todo mundo. No entanto, a classificação de um livro para jovens, trata-se apenas de uma questão mercadológica, não predeterminando especificamente um público, como afirma Lúcia Cademartori. Para ela, se uma narrativa é classificada e compreendida e aceita por um jovem, ela também pode dialogar com um adulto.

A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que esteja interessado. (CADEMARTORI, 1986, p. 7).

A literatura para jovens tem sua origem na primeira reforma ligada às narrativas voltadas para o público adulto. O autor partia de uma história já conhecida e adaptava

seu conteúdo, tornando-as acessíveis à compreensão dos mais jovens.

O caráter de entretenimento, lazer, diversão, cultura e até mesmo aprendizado na literatura para jovens só se deu na segunda metade do século XX, quando autores e editoras começaram a direcionar seus produtos com a intenção de atender as necessidades desse novo público. Abandonando, assim, a função puramente educativa presente até a primeira metade do século passado.

O peso desta questão foi diminuindo durante o século XIX e ainda no século XX, para ir aceitando, progressivamente, as funções de entretenimento e ócio, que forçaram o reconhecimento destas novas funções explicitou a dupla função dos livros destinados a crianças e jovens, e nas últimas décadas, inclusive, acabaram tornando predominante o aspecto literário (COLOMER, 2002, p. 163).

Algumas das histórias escritas para adolescentes hoje em dia, procuram se aproximar da realidade em que eles vivem: os protagonistas das histórias tem a mesma faixa etária dos leitores que saem do seu cotidiano para viverem aventuras fantásticas ao lado de seres mitológicos, animais falantes; se locomovem em veículos e naves ultra modernas; enfrentam vilões que deixariam qualquer pessoa apreensiva. O enredo prende o jovem leitor por possibilitar que eles vivam fortes emoções através de personagens que eles se ligam fortemente e se identificam facilmente.

Para o autor do artigo *A Liberdade Infinita da Literatura Juvenil*, André Forastieri, esses jovens leitores tem “outras necessidades, outros interesses, outro humor, menos respeito pelo passado, muita curiosidade, sobre o futuro, pouca paciência com regras que não criaram, imaginação fértil e muita pressa”.

O jovem leitor brasileiro lê Monteiro Lobato, Ziraldo e Cecília Meireles e também quer ler outros autores. São autores estupendos que influenciaram gerações, divertem o leitor e conquistaram uma legião de fãs, sem contar que marcaram a infância e juventude de diversas gerações.

A influência de Lobato sufocou temporariamente o aparecimento de herdeiros no Brasil. Somente nos anos 70 é que uma nova leva de escritores juvenis se firmaria. Escreveram livros que continuam muito lidos no século 21. (FORASTIERI, 2002).

No entanto, a geração do final do século XX e início do século XXI é marcada pela extrema facilidade para linguagem audiovisual e não se contenta apenas com as histórias nos livros. Esses jovens querem ler os livros, ver os seus personagens favoritos

no cinema, nos jogos de computador, em álbuns de fotografias, em sites na internet e em revistas, querem ler as entrevistas com os atores que interpretam as personagens, desejam ler a biografia dos autores, saber mais sobre suas vidas, como se deu a criação da história, das personagens.

A adolescência é nosso período de liberdade máxima como leitores. Já temos repertório e ambição suficientes para encarar qualquer “lista telefônica”. E não temos, ainda, as obrigações sociais que fazem de boa parte da leitura madura um tedioso desfile de manuais (como dar um jeito na economia, na carreira, escolher o vinho, diminuir a barriga, etc.), castigo que já começa com as leituras obrigatórias para o vestibular (a maldição de “Iracema”). (FORASTIERI, 2002).

Os jovens leitores querem mais, querem histórias que envolvam ação, aventuras, suspense, tecnologia e problemas que envolvem terror, seres fantásticos, animais falantes, também atividades paranormais e questões voltadas para a passagem da infância para a adolescência e da adolescência para a vida adulta. Ainda segundo André Forastieri:

Mas que é um livro juvenil? Até recentemente, a indústria do livro dividia a literatura em dois grupos principais, “adulta” e “infantil” (ou “infanto-juvenil”, ou outro nome, mesmo significado vago). Neste último segmento, agrupava álbuns coloridos para nenês e tijolos de 700 páginas... Cabe tudo na lista. Das Tartarugas Ninja a gente como Dr. Seuss (“O Grinch”), R. L. Stins (da coleção de terror juvenil “Goosebumps”) e Roald Dahl (“A Incrível Fábrica de Chocolate”). No Brasil também se mistura banana com laranja. Nossas listas atuais de best-sellers infanto-juvenis revelam “1984” e “A Revolução dos Bichos” de George Orwell, e “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, ao lado de Cinderela e Cebolinha. (FORASTIERI, 2002).

As adolescentes de hoje não estão mais preocupadas unicamente com as questões que envolvem apenas o universo feminino, não querem ler apenas o que foi sucesso na coleção Biblioteca das Moças que era “destinada a um público feminino do qual se esperava o saudável e elegante hábito de leitura, mas sem nenhum contato com um tratamento adulto e lúcido de terras como sexo e poder. Essa literatura “feminina” filtrava, no adjetivo, o que convinha que a mulher soubesse e determinava, assim, suas expectativas” (CADEMARTORI, 1986, p. 11).

As jovens de hoje querem discutir tudo, suas dúvidas, medos, questionamentos e querem saber sobre as mudanças físicas, ler sobre relacionamentos, tirar dúvidas sobre sexo, imaginar como é o seu príncipe encantado. Basta ver o sucesso da série

Crepúsculo, de Stephenie Meyer, entre as adolescentes brasileiras e de outros países. Enquanto umas se dividem entre o amor romântico, outras querem o amor carnal.

2.3 FRONTEIRAS DO UNIVERSO: DO AUTOR AO MERCADO EDITORIAL

Dentre os mais recentes livros destinados a crianças e adolescentes nas últimas duas décadas tem temáticas muito variadas, “*Fronteiras do Universo*” não está no topo da lista de livros mais vendidos no Brasil, de acordo com a Wikipédia, como *Harry Potter*, de J. K. Rowling ou *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, que são considerados verdadeiros fenômenos de vendas e sucesso com o mercado tanto literário quanto cinematográfico. No entanto, Philip Pullman soube conquistar o seu espaço e seu público fiel que grande admirador de suas histórias. Ainda conforme a Wikipédia, como boa parte dos livros escritos por autores estrangeiros, a coleção *Fronteiras do Universo*, ficou mais conhecido no Brasil após o primeiro livro da série ter ganhado uma versão para o cinema.

Quinze anos dentro do mercado editorial, a série *Fronteiras do Universo* enfrentou sucesso de público, principalmente no exterior, batalhas contra a Liga Católica dos Estados Unidos que acusou os livros de Pullman de “levar as crianças ao ateísmo”, ganhou uma versão para o cinema e inspirou o autor a escrever uma nova série adolescente intitulada *Sally Lockhart*.

A trilogia *Fronteiras do Universo* foi traduzida para 39 idiomas. No dia primeiro de Março de 2010, no dia que se comemora o Dia Mundial do Livro, a coleção de Pullman ficou em oitavo lugar dentre os dez livros mais vendidos no Reino Unido e Irlanda. Foi eleita também como a trilogia que não pode faltar nas prateleiras das livrarias. O primeiro livro da série, *A Bússola de Ouro*, ganhou a medalha Carnegie, o Prêmio de Ficção do Guardian e foi eleito o Livro do Ano na Grã-Bretanha em 1996. O segundo volume, *A Faca Sutil*, recebeu o prêmio de Melhor Sequência – 1997, Cuffies, da Publisher’s Weekly. E o terceiro volume, *A Luneta Âmbar*, em 2002 recebeu o

Whitbread book of the year, o mais importante prêmio literário britânico e em 2001 foi considerado o melhor livro do ano pela imprensa londrina. No Brasil, a editora objetiva lançou uma edição de bolso dos três livros de Pullman, o que reflete o interesse crescente do mercado literário pelos livros que narram as aventuras de Will, Lyra e sua turma.

O interesse e reflexo da imprensa, setores relacionados à literatura e a indústria cinematográfica decidiram explorar a narrativa. Fora do Brasil, pelo sucesso que os livros de Pullman fazem, o autor britânico decidiu publicar um livro com apenas um assunto: A Oxford de Lyra. Explicando como é a Oxford do universo em que a protagonista dos livros vive. Foi traduzido para o português e também esteve presente na lista dos dez mais vendidos da Veja durante algumas semanas do ano de 2009. O que comprova que quando os jovens gostam de uma história, eles buscam maiores informações, aquelas informações extras que foram omitidas nos livros. Como o exemplo da Oxford de Lyra, os livros que explicam sobre o quadribol (o esporte praticados pelos bruxos em *Harry Potter*) e os animais fantásticos e onde habitam no mundo dos bruxos também de *Harry Potter*. O que de certa forma comprova que há um público especializado para isso e há aproveitamento de outros autores no sucesso de histórias escritas por outros autores e que conquistaram um grande público.

Quando uma série provoca grande comoção nos leitores, fazendo muito sucesso, outros detalhes dos livros são explorados em outros meios, não apenas em outros livros, mas em sites e matérias jornalísticas: o contexto da obra, como surgiu a idéia de criação do enredo, da história, das personagens, o universo em que Lyra vive, criado por Pullman sendo muito parecido fisicamente com o nosso, mas tão diferente em detalhes comportamentais e dos seres que o habitam e o compõe, a divisão em três volumes. Além do próprio interesse acerca da vida do escritor.

Apesar de o investimento no primeiro filme da série ter sido alto: US\$ 180 milhões, ter tido no elenco grandes nomes como Nicole Kidman, Daniel Craig e Eva Green, os efeitos especiais serem fantásticos, a crítica não foi solidária com o filme, conforme sites como www.cineinsite.com.br e www.adorocinema.com.br. No entanto, alavancou as vendas dos livros e manteve a expectativa do público para a adaptação do segundo livro para o cinema. Não criou expectativas para o público brasileiro no sentido de espera da publicação do livro seqüencial porque todos os livros já haviam sido traduzidos para o português e publicados.

Por outro lado, são grandes os números de páginas, dentre sites e blogs na

internet dedicadas a discutir os livros de Pullman (<http://www.cittagazze.com>), as personagens (<http://newline.com/properties/goldencompass.html>), a história (<http://abussoladeouro.spaces.live.com>), os eventos, o que os leitores fariam no final da história, o que mudariam ou não no livro, qual personagens deixaria viver ou morrer (http://br.groups.yahoo.com/group/fronteiras_do_universo). Os fóruns tem participações ativas dos fãs que não medem esforços para disseminar a importância do livro para eles tentando angariar novos leitores para se tornarem fãs como eles. Comunidades de sites de relacionamentos além de discutir sobre a história, praticam games e brincadeiras sobre quem os fãs seriam na história, qual seria o daemon, com quem eles se parecem. Além disso, há ainda os fan-fics (ficções de fãs) que escrevem contos ou modificam as histórias dos livros conforme o seu modo de pensar e quais eventos gostariam de modificar ao longo da história.

3. OS ELEMENTOS NA NARRATIVA DE FRONTEIRAS DO UNIVERSO

3.1 UM MOSAICO DE GÊNEROS

A série *Fronteiras do Universo*, dentre os fatores que compõe a sua aceitação e a sua respeitável quantidade de vendas, tem a capacidade de aguçar a curiosidade do seu público. Essa curiosidade está refletida de maneira diferente: notícias sobre o autor, sobre os possíveis livros que explicam aspectos presentes na história, sobre uma possível seqüência de adaptação para o cinema, sobre os atores que representam os personagens dos livros e quais outros atores poderiam representar as personagens que fazem parte dos livros que ainda não ganharam uma versão cinematográfica.

É importante destacar ainda todas as discussões que são travadas nas salas de bate-papo, fóruns, listas de discussões de grupos de e-mails, comunidades virtuais, encontros presenciais, fan-fics. Toda uma ordem de atividades que estão condicionadas diretamente ao gênero em questão.

Muitos autores buscaram definir o termo “gênero”. Os estudos de Tzvetan Todorov destacam-se dentre outros autores, pois ele consiste em selecionar propriedades discursivas que tendem a ser codificadas e solicitadas. Para Todorov não existe somente um gênero, eles podem se misturar em um mesmo texto.

... Não há qualquer necessidade de que uma obra encarne fielmente seu gênero, há apenas uma probabilidade de que isso se dê. Isto é o mesmo que dizer que nenhuma observação das obras pode a rigor confirmar ou negar uma teoria dos gêneros... Uma pode, por exemplo, manifestar mais de uma categoria, mais de um gênero. (TODOROV, 2007, p. 26).

Todorov apresenta o gênero como um elemento de conexão e mediação entre o leitor, o autor e o texto, em transformação constante.

Não é por acaso que, ao estudar um gênero, colocamo-nos na perspectiva da

poética. O gênero representa precisamente uma estrutura, uma configuração de propriedades literárias, um inventário de possíveis. Mas a pertença de uma obra a um gênero literário nada nos diz ainda sobre seu sentido. Ela permite-nos somente constatar a existência de uma certa regra segundo a qual esta obra – e muitas outras – podem ser julgadas. (TODOROV, 2007, p. 151).

Em seus estudos, Todorov discute em detalhe a teoria dos gêneros de Northrop Frye. Justifica a sua preferência pelos estudos de Frye tratarem tanto dos gêneros quanto da teoria crítica. Todorov concorda com Frye quanto a “... necessidade de afastar dos estudos literários qualquer juízo de valor sobre as obras” (TODOROV, 2007, p. 13).

Todorov expõe que Frye propõe várias séries de categorias possíveis à subdivisão de gêneros: drama (obras representadas), poesia lírica (obras recitadas), a prosa (obras lidas).

Além de Frye, Todorov retoma a definição de Lessing, que define os gêneros opondo suas características essenciais. Por essa concepção, a diferença entre o gênero fantástico, o estranho, o maravilhoso, por exemplo, se dá pelo comportamento oposto esperado para o leitor durante a apreciação de tais obras que elas explorem um mesmo ponto, o sobrenatural (TODOROV, 2007, p. 166).

A narrativa fantástica acomete o leitor de um estado de estranheza, de dúvida e questionamento quanto aos acontecimentos presentes na história. É o que presenciamos e sentimos em gêneros desse tipo, como a série de TV *Supernatural* (Warner Channel – 2005-2010). Os irmãos Dean e Sam enfrentam seres de outro mundo, maldições, fantasmas, monstros, lendas urbanas e muitas vezes, os casos que enfrentam não tem nem explicações, são apenas eventos sobrenaturais.

A história fantástica pode se caracterizar ou não por tal composição, por tal “estilo”, mas sem “acontecimentos estranhos”, o fantástico não pode nem mesmo aparecer o fantástico não consiste, certamente, nesses acontecimentos, mas estes são para ele uma condição necessária. (TODOROV, 1007, p. 100).

Já outras narrativas quem também exploram o sobrenatural, dentro da perspectiva do que é considerado estranho, misterioso, acabam por desmistificar, ao término da narrativa, o fenômeno abordado, refutando, inclusive qualquer explicação extraordinária. Esse é o exemplo da série de TV *House* (Universal Channel, 2004 – 2010). Embora os casos enfrentados pela equipe de médicos do doutor House sejam extremamente complicados, difíceis de solucionar, até mesmo alguns casos que parecem se tratar de algo sobrenatural, às vezes parecem ser impossíveis de se resolver e salvar a

vida dos pacientes, ao final de cada episódio, tanto os médicos da série quanto os telespectadores conseguem descobrir que o doutor House acaba sendo iluminado por idéias fantásticas e descobre-se a solução do problema ou uma cura para os enfermos.

No caso das narrativas maravilhosas, o leitor assimila o mundo ficcional como uma realidade possível, mais próximo dele. Ele não hesita quanto à origem dos acontecimentos, simplesmente os aceita.

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor, implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracterizam o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. (TODOROV, 2007, p. 59 – 60).

Diante das explicações de Todorov, podemos caracterizar a série *Fronteiras do Universo* dentro do gênero maravilhoso, pois nela aceitamos que certas capacidades e acontecimentos são possíveis. Nesses livros acreditamos que os homens tem suas almas fora dos seus corpos representados por formas de animais, que as pessoas possam viajar entre os diversos universos presentes, que os animais podem falar, que os humanos possam voar em vassouras, que anjos podem vir à terra e até mesmo lutar contra ou ao lado dos seres humanos.

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar apenas alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural. (TODOROV, 2007, p. 60).

Ao analisar o gênero sob a perspectiva de Todorov, como uma estrutura aberta em que é possível demais gêneros se fundirem, podemos relacionar a série *Fronteiras do Universo* como um mosaico de gêneros. Se o maravilhoso nos ambienta como mundo ficcional, com seus detalhes e características, podemos dizer que o gênero de aventura se constitui no ritmo do enredo e dos acontecimentos, bem como na motivação das personagens.

É com esse sentido do que é o maravilhoso para Todorov, juntamente do que é o sentido de aventura nos livros que os leitores mantêm o seu nível de tensão, do que acontecerá na história e aos personagens, se haverá um fim terrível ou desejável, se haverá mortes ou desgraças ou um final feliz.

A narrativa de *Fronteiras do Universo* nos apresenta o sentimento de abandono e de não obediência das regras e normas pelas personagens principais. Ao apresentar a heroína, Lyra, os livros de Pullman (1995 a 2001) procuraram frisar o que o ingresso nessa aventura oferecia a personagem: ser uma garota abandonada pelos pais para ser criada por católicas. No entanto, muito importante para toda a humanidade, já que é considerada a nova Eva e deveria ser morta por isso, para não cometer o pecado original; ter a possibilidade de se identificar com o outro herói, Will, um garoto assim como ela, com uma estrutura familiar destruída; fazer novos amigos; descobrir a sua verdadeira importância para todos os universos e conhecer e entender as razões do seu abandono. E são esses mesmos ganhos que dão base a seus receios: ver morrer o seu melhor amigo e se sentir a culpada por isso; ter o seu objeto precioso, a bússola de ouro, roubada; perder as amigas conquistadas, as quais são encaradas como a família que ela não teve; ser morta por uma instituição na qual ela nunca se identificou: a igreja; ver o seu verdadeiro amor partir para sempre. Ao apresentar o herói Will, os livros de Pullman destacou o ingresso dele na aventura, também oferecendo características à personagem: ser um garoto com um pai desaparecido e uma mãe com problemas de saúde; conquistar novos amigos e aliados que lutarão ao seu lado em uma guerra futura. Ter que cometer alguns assassinatos acidentais e carregar esse peso com ele; ter a responsabilidade de ser o portador de um instrumento valioso e também perigoso, a faca sutil e ter que agir conforme a razão abrindo mão de um amor para salvar a humanidade.

Os acontecimentos derivados desses sentimentos das personagens principais estão por toda obra, repetindo-se de diversas formas, contados de diferentes maneiras. A garota Lyra e o garoto Will são apresentados, mas também nos apresenta um novo mundo que se abre em desafios, conquistas, perdas, sofrimento e reencontros que se apresentam de forma fragmentada e sequencial.

3.2 A SERIAÇÃO COMO FORMA

As séries de televisão vem se tornando muito popular entre os mais diferentes

públicos no Brasil e em outros países, para isso basta passearmos nas grandes livrarias nos principais shoppings da cidade e circularmos na sessão de DVDs. São inúmeras as quantidades de DVDs dos mais diferentes gêneros de séries de TV à venda. A comprovação também se dá quando pegamos o controle remoto e dermos um passeio pelas dezenas de canais de televisão por assinatura. Existem canais dedicados apenas a séries e isso está se tornando uma febre, uma moda na contemporaneidade. É difícil encontrar quem não as assista, seja na TV aberta ou fechada. O que, de certa forma, modifica a vida de todos que as acompanham, pois as pessoas inclusive se perdem um episódio ou baixam na internet ou assistem a reprise em um horário e dia alternativo. Quem gosta mesmo ou é fã, não quer perder um capítulo, não importa quando vão ver, o que importa é ver. O que também acontece com as novelas brasileiras e mexicanas; o que acontecia no século passado com os romances nos jornais, em que a cada dia se publicava um capítulo; nas novelas, nas rádios e também nos livros. As histórias fragmentadas estão em diversos meios de comunicação.

Os romances de folhetim do século XIX, as rádionovelas, as novelas, séries e minisséries de TV, os filmes de cinema, as histórias em quadrinhos e os livros fragmentados, seriados tornaram-se um sucesso de público e vendas. Ao ponto que chega-se a criar novas histórias apenas porque o público exige, solicita uma continuação e fica ávido por saber mais sobre a narrativa e as personagens. Um exemplo bem atual desse tipo de situação é o filme de grande sucesso *Avatar* (20th Century Fox, 2009). O diretor James Cameron, em fevereiro concedeu uma entrevista a MTV e declarou que pretende escrever um livro sobre o filme e dar continuidade ao filme. Desta vez abordando os Na'vi, o povo que habita o planeta Pandora, abordando os costumes, a língua e a sua história, devido às inúmeras solicitações dos fãs do filme. Inclusive o livro já se encontra a venda no Brasil.

Os suportes TV, rádio, jornal, revistas em quadrinhos, cinema e livros, apesar de tão diferentes, apresentam uma característica comum: uma estrutura unitária compreensível, que pode ser representada por um episódio (nos materiais de áudio e audiovisual) ou uma edição ou volume (em materiais de revistas ou livros). No entanto, essa estrutura unitária deve se remeter a uma estrutura maior: à trama, ao enredo principal, pois é o que constitui a principal motivação para as demais.

A continuação de uma história, dando seqüência a um novo volume em um livro, traz novos acontecimentos, relembra os antigos, acrescenta novas aventuras, apresenta novas personagens, cria situações, mas nestes novos episódios, mesmo muitas

informações sendo novidade, não deixa de trazer consigo uma estrutura comum, uma rotina de ações que apesar de contribuírem para a construção das expectativas do público, não deixa de repetir e dar seqüência ao enredo principal, mas o faz de maneira que para o leitor pareça novidade. Para Umberto Eco isso chama-se o modo de contar de novo que é dividido em cinco categorias: a retomada, o decalque, a saga, o dialoguismo intertextual e a série.

O que constitui a retomada é a continuação de uma narrativa que a princípio não fora pensada para acontecer de modo fragmentado, nem para ter uma seqüência. A continuação das histórias, do enredo, se dá por uma decisão puramente comercial, sendo ocasional, não planejada. Como o exemplo dado anteriormente do filme *Avatar* ((20th Century Fox, 2009). Outro exemplo é *Indiana Jones IV* (Paramount Pictures, 2008) – 20 anos depois do suposto término das aventuras do arqueólogo, com mais tecnologia, houve a decisão comercial de trazer de volta a ativa o ator Harrison Ford vivendo novos desafios ao lado do seu lendário chicote, chapéu e com a grande novidade: tendo como parceiro o seu filho, já rapaz.

Para Eco, o decalque se refere as narrativas que constituem uma reformulação de uma história de sucesso, destacando-se que essa nova formulação pode ou não ser informada ao leitor, ouvinte, telespectador. Quando essa nova formulação é informada ao espectador e/ou leitor, é chamada de remake. O que aconteceu, por exemplo, com o filme *Psicose* (Universal Studios, 1998) de Alfred Hitchcock.

As seqüências de acontecimentos, cuja ligação acontece por genealogia do personagem, é denominado por Eco de saga. O espectador e/ou leitor acompanha a vida de uma personagem. É testemunha do seu nascimento até a sua morte, conhece e acompanha a vida dos seus filhos, netos, em uma seqüência de acontecimentos e histórias que pode até mesmo não ter um fim. É o que acontece no desenho animado *Os Flintstones* (Hanna-Barbera, 1960). Acompanhamos a vida de dois casais de amigos, Fred e Wilma Flintstones e Barney e Betty Rubble e seus respectivos filhos Pedrita e Bambam. Sabemos tudo sobre a rotina deles, suas vidas, seus trabalhos, acompanhamos Pedrita e Bambam ainda crianças que crescem, namoram, se casam e dão netos aos pais.

Eco compreende dialoguismo intertextual como a citação de um texto, uma cena, um episódio, um modo de narrar que seja específico de uma obra já conhecida pelos apreciadores. Esse tipo de repetição se constitui, muitas vezes, como um jogo irônico em forma de homenagem. Mas só terá o seu valor se o apreciador for do tipo modelo, se ele compartilhar do conhecimento exigido pelo autor. Temos o exemplo da série de

filmes *Todo Mundo em Pânico* (Dimension Films, 2000), onde encontramos diversas cenas que fazem referência a filmes como *Pânico* (Dimension Films, 1996), *O Sexto Sentido* (Buena Vista International, 1999) e *Matrix* (Warner Bros, 1999).

A série é pensada como uma estrutura narrativa. Modo de contar “o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou...” (LEITE, 2006, p. 6) que preza a repetição de personagens, situações, acontecimentos, mas que remete ao apreciador uma sensação de que se trata de algo novo e também gera uma expectativa neles.

Temos uma situação fixa e um certo número de personagens principais da mesma forma fixos, em torno dos quais giram personagens secundários que muda, exatamente para dar a impressão de que a história seguinte é diferente da história anterior.

A série consola o leitor porque premia a sua capacidade de prever; ele fica feliz porque se descobre capaz de adivinhar o que acontecerá e porque saboreia o retorno ao esperado. (ECO, 1991, p. 123 – 124).

A trilogia *Fronteiras do Universo* se apresenta conforme a classificação de Eco, como uma série e também como uma saga, haja vista que o leitor é testemunha da história de vida tanto de Lyra quanto de Will, o leitor acompanha o crescimento deles durante as fugas, nos momentos de combates contra o Conselho de Obleção, contra as pessoas do mal que desejam separar os humanos das suas almas representadas por animais chamado daemons. O leitor acompanha as situações, o amadurecimento deles, a descoberta do amor entre eles, livro a livro, dentro de uma estrutura de acontecimento que se repete constantemente nos três volumes. Essa estrutura pode ser sintetizada da seguinte forma para os dois heróis que acabam se encontrando a partir da seqüência do livro, *A Faca Sutil*:

- 1 – Lyra é retirada do seu cotidiano para viver com uma mulher, que posteriormente a garota acaba descobrindo tratar-se de sua mãe.
- 2 – Essa descoberta põe a vida dela em perigo.
- 3 – Após descobrir que o seu tio não é seu tio e sim o pai que ela achava que estava morto, ela acaba vendo o seu melhor amigo morrer.
- 4 – Após seguir o pai que vai explorar outros universos, ela acaba indo parar em outro universo.
- 5 – Na cidade de Cittàgazze, em um universo que não é o dela nem o de Will, ela acaba

conhecendo o garoto, pois ele precisou deixar a mãe doente sob os cuidados de uma amiga para resolver seus próprios problemas.

6 – Eles se conhecem e se juntam, tornando-se amigos e passam a querer resolver seus problemas tendo o apoio e a ajuda um do outro.

7 – Lyra e Will viajam entre os universos enfrentando batalhas, perseguições, fazendo novos amigos e inimigos, descobrem o amor e percebem que não podem ficar juntos.

A estrutura da seriação como narrativa de *Fronteiras do Universo* pode ser pensada como uma maneira a manter a expectativa do seu público, mesmo que os livros tenham demorado de ser escritos e publicados entre um volume e outro, o primeiro no ano de 1995, o segundo no ano de 1997 e o terceiro em 2000. A cada desfecho de um livro, a cada suspense, os leitores ficaram em suspense e recebiam a dica que novos acontecimentos viriam e mais aventuras esperavam pelo leitor.

Isso gerava a ansiedade no leitor não apenas quanto aos próximos volumes, mas havia o suspense e a expectativa a cada capítulo que constitui os livros, prendendo a atenção do leitor para as várias possibilidades de mudanças que poderiam acontecer ao longo da história. Na narrativa sabemos que o pai de Will enfim não estava morto como todos pensavam, e torcemos para que eles se encontrem logo. A cada capítulo torcemos para esse encontro logo aconteça. Mas o leitor só saberá o desenlace dessa história avançando entre muitos e muitos capítulos do livro.

A seriação como forma é utilizada também para relembrar ao leitor momentos e passagens importantes da narrativa. Uma forma de fazer uma retrospectiva para o leitor que leu o livro anterior faz muito tempo, para aquele que leu e pode não se lembrar, como até mesmo para aquele nunca leu. Em alguns livros isso pode ser possível para um leitor que nunca leu volumes anteriores, para compreender os eventos que acontecerão a seguir. Em outros, isso às vezes não é possível porque ao não ler o livro anterior, o leitor pode ficar perdido. A retrospectiva é muito válida para o leitor que acompanha uma série, pois ela relembra fatos e momentos que podem ter passado despercebidos ou esquecidos ao longo das leituras.

Essa estratégia encontra-se presente em vários momentos dos livros analisados. Em *A Faca Sutil*, Will decide procurar o advogado do seu pai para conversar sobre o desaparecimento dele. Para Will é importante saber se ele está vivo ou morto. Durante parte do diálogo com o advogado, Will acaba descobrindo que o desaparecimento do seu pai fora registrado anteriormente:

- Alô? Sou Alan Perkins. Quem está falando?
 - William Parry. Desculpe-me incomodar. É sobre o meu pai, John Parry. De três em três meses o senhor manda dinheiro do meu pai para a conta bancária da minha mãe.
 - Sim...
 - Bem, quero saber onde meu pai está, por favor. Ele está vivo ou morto?
 - Quantos anos você tem William?
 - Doze. Quero saber sobre o meu pai.
 - Sim... A sua mãe, ela... A sua mãe sabe deste telefonema?
 - Will pensou cuidadosamente.
 - Não – disse afinal – Mas ela não está muito bem de saúde. Não pode me contar muita coisa, e eu quero saber.
 - Certo, entendo. Onde é que você está? Em casa?
 - Não. Estou... Estou em Oxford.
 - Sozinho?
 - É.
 - E a sua mãe não está bem, foi o que você disse.
 - Isso mesmo.
 - Ela está no hospital ou algo assim?
 - Algo parecido. Escute, o senhor pode me contar ou não?
 - Bem, posso lhe contar alguma coisa, mas não muita, e não neste momento, e eu prefiro não fazer isso por telefone. Tenho um cliente daqui a cinco minutos. Você poderia vir ao meu escritório às duas e meia?
 - Não – fez Will. Seria arriscado demais: o advogado poderia estar sabendo que ele estava sendo procurado pela polícia. Pensou depressa e prosseguiu: - Tenho que pegar um ônibus para Nottingham. Mas o que eu queria saber o senhor pode me contar pelo telefone, não pode? Só quero saber se o meu pai está vivo; e, se estiver, onde é que ele está. O senhor pode me contar isso, não pode?
 - Não é tão simples assim. Não posso fornecer informações pessoais sobre um cliente sem ter certeza de que o cliente deseja isso. E, de qualquer maneira, preciso de uma prova de quem você é.
 - Está certo, eu compreendo, mas pode me dizer só se ele está vivo?
 - Bem... Isso não seria confidencial, mas infelizmente não posso lhe informar, porque também não sei.
 - Hein?
 - O dinheiro vem de um legado de família. Ele deixou instruções para que o pagamento seja feito até que ele me dê outra ordem. Desde esse dia não tive mais notícias dele. O que isso quer dizer é que... Bem, acho que ele desapareceu. É por isso que não posso responder à sua pergunta.
 - Desapareceu? Sumiu?
 - Essa informação é de domínio público. Escute, porque não vem ao meu escritório e...
 - Não posso. Vou para Nottingham.
 - Bem, então me escreva ou peça à sua mãe para me escrever, e vou informar o que eu puder. Mas tem que entender que não posso fazer isso pelo telefone.
 - É, entendo. Está bem. Mas pode me dizer onde foi que ele sumiu?
 - Como já lhe disse, isso é de domínio público. Na época muitos jornais publicaram. Você sabe que ele era um explorador?
 - Mamãe me contou algumas coisas...
 - Bem, ele estava trabalhando como guia para uma expedição que desapareceu. Há uns dez anos.
 - Onde?
 - No extremo norte. No Alasca, eu acho. Você pode procurar na biblioteca pública. Porque não...
- Mas nesse ponto acabou o dinheiro que Will colocara no telefone público, e ele

não tinha mais trocado. O sinal de discar zumbia em seu ouvido. Ele baixou o fone e olhou em volta. (PULLMAN, 1997, p. 88 – 91).

A descoberta de quando e como o pai de Will desaparecera se deu durante esta conversa com o advogado da família. Contudo, se o leitor se distrair e não lembrar deste fato, não dando muita importância ao desaparecimento do pai do garoto, ela é recuperada um pouco mais a frente quando ele este outro universo, em Cittàgaze ao lado de Lyra. Quando a garota foi dormir ele se sentou e leu os papéis que ele levava consigo encontrados no meio das coisas de sua mãe.

Não havia muitos. Como ele pensava, eram cartas, escritas em papel dia via área com tinta preta. Aquelas letras tinham sido feitas pela mão do homem que ele queria tanto encontrar; passou os dedos sobre elas muitas vezes e apertou-as contra o rosto, tentando chegar mais perto da essência do seu pai. Então pôs-se a ler”. (PULLMAN, 1997, p. 131).

Essa mesma informação (o desaparecimento de John Parry) pode ser reiterado de outras formas. Outra forma escolhida por Philip Pullman para repetir que o pai do garoto estava desaparecido foi através de um diálogo entre Lyra e Will.

Ela abriu o embrulho de veludo e passou as mãos com ternura sobre o pesado instrumento de ouro.

- Vou perguntar sobre o seu pai, e como podemos encontrar ele – disse. – Veja, eu coloco os ponteiros em...

- Não. Pergunte primeiro pela minha mãe. Quero saber se ela está bem. (PULLMAN, 1997, p. 259).

Outra maneira se realiza pelo acréscimo de uma nova informação, também durante outro diálogo entre Lyra e Will. Em que ele conta porque tem certeza que o seu pai não está morto.

- Quando foi que soube que tinha que ir procurar o seu pai? – ela perguntou depois de um momento.

- Há muito tempo – ele contou. – Eu costumava fingir que ele estava prisioneiro e eu ia ajudar ele a fugir. Brincava sozinho durante horas, durante dias. Ou então ele estava numa ilha deserta e eu ia até lá de barco e levava ele para casa. E ele ia saber exatamente o que era preciso fazer, especialmente com a minha mãe, e ela ia melhorar e ele ia cuidar dela e de mim, e eu ia poder simplesmente ir à escola e ter amigos, e ia ter um pai e uma mãe. Então eu sempre dizia para mim mesmo que, quando crescesse, ia sair para procurar meu pai... E minha mãe costumava me dizer que eu ia portar o manto do meu pai. Ela dizia isso para me deixar feliz. Eu não sabia o que isso queria dizer, mas parecia importante. (PULLMAN, 1997, p. 299).

Essa técnica de repetir as mesmas informações, recuperando dados e atribuindo-lhes importância, é extremamente necessária e essencial para a compreensão dos eventos posteriores, para a condução da história. Justamente devido a isso o autor utiliza essa técnica ao longo dos capítulos de cada livro.

A estrutura de seriação é um recurso utilizado de maneira bem sucedida na série “*Fronteiras do Universo*”. Com mais evidência no segundo volume, “*A Faca Sutil*”, devido a inserção de uma nova e importante personagem na história, William Parry. Ele se destacará, se tornará o herói e viverá o lado de Lyra incríveis aventuras.

4. ANÁLISE DE MUNDOS E PERSONAGENS EM FRONTEIRAS DO UNIVERSO

4.1. OS MUNDOS FICCIONAIS

Entendemos o ato de narrar como o de contar ou relatar uma história, fato ou acontecimento que ocorreu em um lugar determinado, uma certa época e com dadas personagens. Uma narrativa, entretanto, pode ter como referência tanto as situações reais como as criadas e imaginadas por determinadas pessoas. “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas” (LEITE, 2006, p. 6).

As narrativas históricas ou não-ficcionais são aquelas que tomam os acontecimentos do mundo como real como referência. O que não implica dizer que todas as narrativas reais sejam verdadeiras ou corretas. Já que, por mais que se refiram a realidade podem conter dados errados, partes dos envolvidos nos acontecimentos podem não ter sido ouvidos ou até mesmo falas podem ter sido distorcidas, mudando o sentido real que as pessoas tenham querido dizer. Esses tipos de textos e situações são aqueles encontrados nos jornais, telejornais, revistas ou documentários.

Por outro lado, as narrativas imaginadas, criadas e ficcionais não podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas. Elas são chamadas de verossímeis ou inverossímeis. Há um jogo estabelecido entre o escritor e o leitor que valida a verdade dentro de um mundo ficcional. O que equivale dizer que dentro de um mundo imaginado e criado são estabelecidas regras que o leitor entende e as aceita, tornando assim aquela narrativa verossímil.

A referência e dados estratégicos são caminhos que ajudam o leitor a decidir se uma obra ou texto é ou não ficcional. Uma narrativa esta presente em um livro, revista, jornal, novela, cinema, rádio ou em qualquer outro suporte. Mas que vai determinar se

aquela narrativa pertence ou não ao mundo real para o apreciador é a verossimilhança com o mundo real. É essa experiência que dá ao leitor a capacidade e suporte para entender que a maior parte do conteúdo de uma revista ou jornal, por exemplo, são notícias que referem-se ao mundo real. O julgamento do apreciador é também influenciado pela presença de atores representando determinada pessoa. Quando vemos um telejornal, por exemplo, e lá aparece o governador do seu estado fazendo uma declaração, acreditamos que ele não seja um ator, nem que ele esteja representado e assumimos o que ele declara como verdadeiro. Porém se assistirmos ao programa humorístico da Rede Globo, *Casseta e Planeta*, de certa forma, nos é informado que há um ator interpretando o governador e passamos a vê-lo como verossimilhança.

Há discrepâncias entre o mundo da experiência e do enunciado (ECO, 1979, p. 59) e estas discrepâncias às vezes são apresentadas sutilmente, construindo um mundo ficcional possível muito próximo do que consideramos como mundo real. As narrativas que utilizam esse tipo de recurso possuem as disparidades relacionadas nas personagens envolvidas e nas ações que elas praticam. *Friends* (Warner, 1994 – 2004) é um seriado que constrói, junto ao público, esse mundo possível próximo: a história se passa numa Nova Iorque muito semelhante aquela que caracterizamos como pertencente ao mundo real, também possui taxis amarelos, até a temporada de 2001 a existência do World Trade Center, vários prédios empresariais, parques, cafés e tantas outras coisas que possibilitam o reconhecimento. Porém, o apreciador que tenha em sua própria bagagem o funcionamento de como se constrói os seriados, sabe que ele não é um caso único e específico registrado do mesmo modo e na mesma medida que as ocorridas na Nova Iorque que conhecemos. Entendemos que as personagens apresentadas são construídas com muita proximidade aos que encontramos no nosso mundo real e que as ações praticadas por eles se desenvolvem dentro de um mundo possível e o qual, muitas vezes, fazemos parte.

De outra maneira, existem mundos possíveis cujas discrepâncias estão mais marcadas e a diferenciação entre o mundo real e o possível fica bastante visível. Somos transportados para outras épocas, outras terras, cidades, países, e, algumas vezes, para outros mundos e galáxias. Entretanto, até em casos como esses, a referência do mundo real continua marcante. É possível perceber essa referência claramente na seguinte passagem do primeiro encontro de Lyra e Will no livro *A faca sutil* de Pullman:

- Quem é você? – perguntou

- Lyra da Língua Mágica – disse ela
 - Você mora aqui?
 - Não! – disse ela com veemência
 - Então o que é este lugar? Esta cidade?
 - Não sei
 - De onde você veio?
 - Do meu mundo. Eles estão grudados. Onde está o seu daemon?
 Os olhos dele se arregalaram. Então ele viu uma coisa extraordinária acontecer com o gato: ele saltou para os braços dela e ali se transformou num arminho castanho com garganta e barriga creme, que olhava para ele com raiva, feroz como a própria garota. Mês então ocorreu outra mudança, porque ele percebeu que ambos, a garota e o arminho, tinham um medo profundo dele, como se ele fosse um fantasma.
 - Não tenho daemon – respondeu ele – Não sei o que isso quer dizer – Então: - Ah, esse aí é o seu daemon?
 Ela se ergueu devagar. O arminho enrodilhou-se no pescoço dela, e seus olhos escuros não deixaram o rosto de Will.
 - Mas você está vivo! – exclamou ela, sem acreditar – Você não... Você não foi...
 - Meu nome é Will Parry – disse ele – Não sei o que você quer dizer com essa história de daemon. No meu mundo *demônio* significa... significa diabo, alguma coisa ruim.
 - No seu mundo? Quer dizer que este aqui não é o seu mundo?
 - Não. Acabei de descobrir uma... uma maneira de entrar aqui. Como o seu mundo, eu acho. Eles devem estar grudados (PULMMAN, 1997, p. 24 – 25).

A narrativa maravilhosa tem no leitor um parceiro muito importante e essencial para construir as discrepâncias existentes entre o mundo possível e o mundo real. É o caso de *As Crônicas de Nárnia* (Marin Fontes, 2007) de C. S. Lewis constrói um novo país, um novo mundo, Nárnia, no qual crianças, homens e mulheres convivem com faunos, centauros, monstros e animais. Nessas interações, conhecimentos como estações do ano, acordos e contratos de guerras, sentimentos como amizade, amor, fraternidade, rancor, mágoa, arrependimento e coragem são os mesmos e aplicados da mesma maneira que os existentes no mundo real do leitor. Há uma dependência do mundo real como base para esse tipo de realidade ficcional existente neste tipo de obra.

Fronteiras do Universo nos apresenta um mundo possível híbrido, já que nele temos uma parte da narrativa (o primeiro livro por exemplo) que se constrói em um universo com nomes de cidades e locais conhecidos por nós, existentes no nosso mundo histórico, mas com personagens que possuem dons, instrumentos e relações com suas almas (daemons representados em formas de animais) totalmente diferentes do que conhecemos. Mas existe também parte da obra que passa no nosso mundo, os mesmos museus, carros, metrô, os mesmos edifícios e ruas da Inglaterra, com pessoas com comportamentos e hábitos iguais ao nosso, um mundo com estilo verossímil à Inglaterra do nosso mundo.

O mundo em *Fronteiras do Universo* não se baseia completamente no conhecimento comum sobre seres difundidos nos contos de fadas. As pessoas tem a sua alma representadas como um animal, como uma extensão do seu corpo. As emoções humanas são demonstradas primeiramente através dos daemons que se tornam agressivos, retraídos ou impassíveis. Os daemons mudam de forma constantemente até a criança entrar na puberdade. Após essa fase, eles assumem uma única forma e imutável. A relação que eles estabelecem com os humanos é de companheirismo, proteção e cumplicidade, mas muitas vezes eles se desentendem, brigam, discutem quando não tem a mesma opinião diante de algum fato ou acontecimento, mas mesmo assim continuam juntos, amigos e inseparáveis. Com exceção das bruxas, os daemons e humanos não podem se distanciar muito um do outro. Portanto, se um ser humano tiver um daemon que se tornou um peixe ou um golfinho, por exemplo, ele nunca mais poderá viver em terra.

Existem bruxas que voam em vassouras, mas não utilizam chapéus pontudos, não cozinham em caldeirões e nem utilizam varinhas mágicas. As bruxas em Pullman usam coroas de flores com poderes especiais, ao invés de varinhas mágicas, elas carregam arco e flechas, pois são bruxas guerreiras que lutam pelos interesses do seu clã e defendem os seres humanos que representam algo para elas ou por quem um dia elas foram apaixonadas. São seres que vivem por mais de 800 anos, quando tem filhas elas se tornam bruxas, porém quando tem filhos, eles serão humanos, criados e viverão como seres humanos e serão educados como eles. Seus daemons conseguem distanciar-se delas por longos quilômetros sem afetá-las em nada.

Os ursos brancos são guerreiros com habilidade para trabalhar com qualquer tipo de metal. Utilizam armaduras que são fortemente resistentes e são para os ursos o mesmo que os daemons para os homens. Um urso sem sua armadura se comporta como um humano, inclusive tendo como hábito o consumo de álcool.

Os mulefas são seres retratados por Pullman como evoluídos que possuem pernas como losango, duas pernas centrais, uma atrás e uma na frente que transporta uma grande noz capaz de fornecer grande velocidade a eles. Não possuem mãos, mas uma tromba ágil e delicada, tem consciência e são capazes de falar uma língua própria.

Os galivespianos também compõem o time de seres criativos de *Fronteiras do Universo*. São pequeninos espíões que se locomovem em libélulas coloridas e tem como arma secreta e mortal esporas venenosas. Eles vêm de um mundo que não é retratado por Pullman mas são companheiros extremamente importantes para Will e Lyra. Além

de existir também a cidade dos mortos, local onde todos que morrem ficam esperando o seu julgamento. Local triste e sujo em que Lyra e Will passam por uma prova difícil de ser superada.

A polêmica no universo criado por Pullman de *Fronteiras do Universo* está no fato da religião católica (e os seus representantes) ser exposta como vilão. As experiências macabras de intercisão (ato de separar o corpo da criança do seu daemon, a sua alma) termina por levar a morte diversas crianças são realizadas pelo Tribunal Consistorial de Disciplina e o Conselho Geral de Oração, entidades ligadas a religião católica. A igreja é retratada como aquela que persegue e deseja liquidar a heroína da história, a pequena Lyra, pois segundo a uma antiga profecia proferida pelas bruxas, Lyra é considerada a nova Eva que irá pecar e desmascarar todas as invenções praticadas pela igreja.

O mundo que nos é exposto é constantemente comparado ao mundo histórico que conhecemos. Não apenas o leitor faz essa comparação, mas as personagens centrais, Will e Lyra, trazem para a narrativa essas impressões. No segundo livro, *A Faca Sutil*, Lyra choca-se ao entrar no mundo de Will e compara a todo o momento a cidade de Oxford do mundo de Will (o nosso) com a Oxford dela. Lyra transmite ao leitor uma sensação de estranheza, medo e incômodo diante dessa nova realidade que se apresenta para ela sob diversas formas. Neste caso, “O narrador fala pessoalmente para um leitor individual...” (LEITE, 2006, p. 11).

Grande parte da história, com exceção, do primeiro livro – *A Bússola de Ouro* – se passa em diversos mundos. Alguns são descritos como locais fascinantes, mas Cittàgaze, mundo presente em “*A Faca Sutil*”, descrito como problemático, sendo praticamente um mundo fantasma, onde os adultos estão sendo assassinados e as crianças abandonadas a própria sorte. É lá que ocorrem os primeiros problemas e acontecimentos nas aventuras de Will e Lyra juntos. Ele é extremamente importante, pois é o local onde estas personagens se encontram, é um mundo de passagem e é lá que o leitor toma conhecimento da importância de Will no propósito de salvar os universos e onde ele toma posse de um precioso e perigoso instrumento que irá ajudá-lo na sua missão.

- Agora, aqui está, pegue a faca, ela é sua – disse Giacomo Paradise.
- Eu não quero – disse Will – Não quero ter nada a ver com ela.
- Você não tem escolha – afirmou o ancião – Agora é o portador.

- Pensei que fosse o senhor – intrometeu-se Lyra.
- O meu tempo acabou. A faca sabe quando deixar uma mão e procurar outra, e eu sei distinguir. Não acredita em mim? Veja.
- Ele ergueu a mão esquerda. O dedo mínimo e o anular estavam faltando, exatamente como os de Will.
- É eu também – disse – Lutei e perdi os meus dedos. É o emblema do portador.
- E também não sabia de antemão (PULLMAN, 1997, p. 168 – 169).

A narrativa explora o quão estranho se mostram todos os mundos, real e ficcionais, a depender de qual deles tomamos por base. Nessas comparações, por vezes, o autor abre o espaço para o leitor perceber as discrepâncias através dos diálogos entre Will e Lyra, que nasceram e cresceram em mundos distintos e que, por consequência, não conhecem nada do mundo um do outro.

Ao demarcar as diferenças e possibilidades que os novos mundos oferecem, Pullman também define a condição de existência destas personagens: Will e Lyra e os outros vivem enquanto os mundos possíveis permitem ações e estas, por sua vez, suscitarem no leitor o prazer e a curiosidade para a leitura. A entrada e permanência nos mundos ficcionais, repletas de coisas a conhecer e a enfrentar, abrem também novos tipos de peripécias e conflitos que serão vivenciados por essas personagens, os quais serão analisadas a seguir.

4.2. AS PERSONAGENS

Todas as narrativas possuem personagens sejam eles pessoas, animais e/ou seres animados ou inanimados. A personagem é um ser fictício, é ela que pratica a ação, vivencia os conflitos e situações e ajuda o apreciador crer nas histórias. As descrições de suas características físicas ou psíquicas tornam possíveis os sentidos visuais, auditivos e táteis do leitor.

O leitor através da personagem participa dos eventos das histórias. Ele vê o que as personagens vêem, entende, concorda ou não com as atitudes delas, muitas vezes é cúmplice de atitudes tomadas pelas personagens e daí a importância delas para as histórias. Sem elas e apenas com a atuação do narrador, as histórias acabam tornando-se frias e mais distantes, como nos lembra ROSENFELD (2007, p. 31), “Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado, ou estória, a personagem ‘constitui’ a ficção”.

É na obra de ficção que o ser humano pode emergir em outra realidade e através de personagens variadas viver a vida do outro, mudar de papel, sentir-se livre para fazer escolhas diferentes das que faz cotidianamente, distancia-se de si mesmo, experimenta profissões diferentes, é capaz de poder voltar no tempo, fazer novas escolhas e mudar de decisões com maior facilidade.

O leitor, por muitas vezes, se identifica e se sente tão próximo da personagem que mesmo que ela fique calada ou sem produzir ação por algum tempo, entende o seu estado de espírito. O narrador assume o lugar de ponte de ligação entre o leitor e a personagem, enchendo a história de palavras e imagens que se encarregam de comunicar ao leitor os pensamentos da personagem. Desta maneira, o leitor é convocado em muitos momentos a participar e interagir com o texto.

A personagem de ficção expande o horizonte do leitor, pois as personagens de ficção vivem e realizam feitos que, muito dificilmente, seriam possíveis no mundo real, por infinitas razões. Além disso, existe também o prazer estético que as personagens e as obras literárias proporcionam no apreciador.

A isso corresponde o fenômeno de que o prazer estético integra no seu âmbito o sofrimento e a risada, o ódio e a simpatia, a repugnância e a ternura, a aprovação e a desaprovação com que o apreciador reage ao contemplar e participar dos eventos. (ROSENFELD, 2007, p. 47).

As personagens de uma narrativa podem ser classificadas, segundo os estudos de Forster (citado por CÂNDIDO, 2007, p. 62) como planas ou esféricas. As personagens planas são construídas em torno de uma única idéia ou qualidade e, por conta disso, são muito facilmente reconhecidas e lembradas pelo leitor e permanecem inalteradas na sua essência já que não mudam conforme as circunstâncias. Por outro lado, as personagens esféricas são aquelas mais complexas e, por isso, capazes de surpreender o leitor. Ela traz com ela a característica da imprevisibilidade. As classificações das personagens não

devem ser entendidas como uma regra a ser seguida para a construção das histórias como uma fórmula matemática, não havendo necessidade da presença de ambos os tipos de personagem. É perfeitamente possível que nas narrativas sejam desenvolvidas personagens planas e esféricas concomitantemente ou apenas um tipo delas.

Algumas narrativas infanto-juvenis são escritas utilizando-se personagens planas. As que são apresentadas como bondosas terão essa característica mantida ao longo da história e as maldosas também. O que não gerará surpresa para o leitor durante a evolução da narrativa, pois as personagens tenderão a tomar as atitudes que o leitor espera que elas tomem. Reservando ao leitor o inesperado apenas quanto aos conflitos que surgirão e como eles serão solucionados. Os livros de Pullman retratam alguns de seus personagens da trilogia como planos e outros deles são esféricos.

A personagem de Marisa Coulter, mãe da heroína Lyra, a princípio nos é apresentada como uma personagem vil, inescrupulosa, interesseira, sem moral, traiçoeira. Ela é capaz de enganar e trair o marido, engravidar de outro homem, assistir o amante matar o próprio marido e entregar a filha para ser criada por catodríacos que jamais lhe dariam o amor e a criação que os pais lhe dariam. Ela ainda é capaz de se unir ao Conselho de Oblação para seqüestrar crianças, enganá-los, levá-los para o Norte, um lugar distante para submetê-los a experiências letais para evitar que elas possam ao crescer cometer o pecado do amadurecimento, da tomada de consciência e da descoberta sexual.

Ao longo da história a Sra. Coulter persegue a filha, consegue capturá-la, a mantém como refém, sedada e inconsciente. Ela mantém esse caráter durante os dois primeiros livros, mas no terceiro livro ela procura a redenção das suas maldades fazendo de tudo para salvar a filha daqueles que eram seus companheiros. A princípio não fica clara quais eram de fato as suas intenções, mas o leitor vai sendo conduzido a enxergar essas mudanças no comportamento dessa personagem, com surpresa e até mesmo com um pouco de desconfiança.

O que acontece também com Lorde Asriel, o pai de Lyra. A princípio apresentado como seu tio, um aventureiro explorador que era bancado pela universidade Jordan, onde Lyra morava. Lorde Asriel é apresentado como homem rude, de porte atlético e grande vigor. Durante o primeiro livro Lyra vira o seu melhor amigo, Roger, ser seqüestrado pelos membros do Conselho de Oblação e jura para si própria que iria encontrá-lo e cumpre a promessa. Após resgatá-lo, fugiu com ele para a casa do pai, pensando estar levando ele para um local seguro. No entanto, o que ela ainda não sabia

é que existia uma profecia sobre ela, que acabaria traindo alguém muito importante para ela. E a profecia se concretiza. Para a tristeza e desespero de Lyra, enquanto ela dormia, o seu pai pegara o seu amigo e o levava para o local onde ele desenvolvera um invento bem interessante, porém com intenções bem inescrupulosas. Lorde Asriel criara uma máquina capaz de abrir passagens para outros universos, mas para isso ele precisaria de uma fonte de energia muito grande e essa fonte de energia era o bem mais precioso que os seres humanos tinham: os seus daemons. E Lyra perde o seu amigo Roger. Lorde Asriel nem sequer pensou duas vezes em Lyra, nos sentimentos, na dor e na tristeza da filha por Roger ser o melhor amigo dela. E assim como a Sra. Coulter, ele mantém esse comportamento ao longo dos dois primeiros livros, mas no terceiro livro ele briga e luta com o anjo Metatron em um penhasco, sabendo que isso acabaria o levando à morte para poder dar à Sra. Coulter, a mulher que ele sempre amou, e a sua filha, uma chance de sobreviver. Provando com esta atitude que até o mais egoísta, perverso e inescrupuloso dos seres pode mudar, tem sentimentos e é capaz de ter senso de responsabilidade perante a sua própria família.

Will e Lyra são os heróis de Fronteiras do Universo, as personagens que talvez despertem a maior atenção dos leitores, pois toda a trama está em torno deles, mas uma outra personagem se destaca muito ao longo de toda a narrativa: Pantalaimon – o daemon de Lyra. Nenhum outro daemon tem uma participação tão forte e ativa como ele. Pan é a consciência, a maturidade, o lado profundo, cuidadoso, carinhoso, atencioso, observador e crítico da garota. Enquanto Lyra quer brincar, aprontar e fazer loucuras. Pan lhe dá conselhos. Ela demonstra sentir falta de uma mãe. Pan é seu amigo e procura lhe ser carinhoso e lhe dar afagos. Lyra sabe que ele é especial e percebe o quanto ele é importante quando eles visitam o Mundo dos Mortos e ela precisa abandoná-lo, deixá-lo para trás, para buscá-lo na volta. Ela nunca se sentiu tão triste, tão vazia. Quando Lyra e Will se encontram em Cittagazze, a princípio o garoto estranha o fato dela ter um “animal” que fala e mudava de forma constantemente. Mas rapidamente ele se acostuma com os dois e sente até mesmo uma certa inveja da relação dos dois. Pois quem tem um daemon nunca está sozinho, sempre tem um amigo legal e verdadeiro. E é isso que Pan é para Lyra.

Aliás, amigos leais e verdadeiros foi o que Lyra conquistou ao longo da sua jornada em Fronteiras do Universo. Um dos exemplos é a cientista Mary Malone. Prestes a perder o emprego, a física e antiga freira, proveniente do mundo de Will, conheceu Lyra quando a garota estivera passeando no mundo que historicamente é o

mesmo que o nosso. Lyra pesquisa sobre o Pó (partícula de consciência) o mesmo tema de pesquisa de estudo da doutora Malone. Elas se estancam, como costuma acontecer quando as pessoas de universos diferentes se encontram, e a doutora não consegue acreditar que Lyra seja de outro universo. Após conversar com a menina, a física se convence que realmente Lyra vem de outro universo. elas partem juntas para Cittagazze e de lá para um outro mundo, onde residem os mulefas. A doutora Malone ao retornar percebe que está sendo seguida e, pior, ameaçada de morte. Foge novamente para o mundo onde vivem os mulefas e lá passa um tempo, onde aprende a conviver e conhecer um pouco mais sobre esses seres estranhos e encantadores. É lá também que ela consegue criar a luneta âmbar, mas passa a ser perseguida por um padre que deseja tanto matá-la quanto a Lyra.

As bruxas são outras grandes aliadas de Lyra. Em Pullman elas quebram a tradição. Nada de verruga no nariz e sim muita beleza e tentação. Varinha mágica de jeito nenhum. Muita mira e arco e flecha. Chapéu pontudo? Não, coroa de flores na cabeça com poderes especiais. Bruxos como parceiros românticos? Não. Os seres humanos são meros amantes que elas tem casos esporádicos. Engravidam, mas parceiros fixos, isso elas não tem, vivem mesmo é em clãs, criando apenas as filhas, defendendo umas às outras. Donas de belezas estonteantes, brincam com os pobres corações humanos, mas quando encontram algum humano que a rejeitam, provam toda a sua fúria e amargura, podendo ser capaz de matar. E esse foi o triste fim do pai de Will. Ele fora assassinado com uma flecha por uma bruxa que fora rejeitada, pois ele na quis trair a esposa.

As narrativas infanto-juvenis geralmente são construídas com suas personagens mantendo-se coerentes ao longo da narrativa. No entanto, o leitor deve saber que certos acontecimentos são capazes de transformar as pessoas. Vale lembrar que as narrativas atuais não são mais escritas apenas com a função de educar, mas também de divertir e libertar os jovens do cotidiano. Como as histórias podem nos levar para outros mundos, conhecer seres incríveis e nunca antes imaginados, os jovens devem também conhecer tipos de personalidades e comportamentos diferentes, representados através das personagens. No universo criado por Pullman, o ser humano é complexo, muitas vezes mudam de gostos e atitudes e por isso as personagens da sua história são capazes de mudanças. Ao contrário de Harry Potter que é um garoto bem comportado, Will é um garoto que não possui um comportamento exemplar, chegando ao ponto de matar, mas todas as suas atitudes são justificadas e aceitas pelo leitor. Lyra é uma heroína doce,

meiga, mas também é uma mentirosa incrível. Característica essa que é aprovada e perdoada pelos leitores.

A caracterização de personagens vai além da maneira como agem e se comportam. Ela está envolta em valores de ordem social, política, moral e religiosa. Na série analisada, os vilões são os religiosos, padres, freis e homens de fé da igreja católica, pois querem destruir e matar Lyra, por ela representar o pecado, a nova Eva que será tentada para cometer o pecado original. O pecado para Igreja na verdade é Lyra crescer, descobrir o amor e, com isso, manter o Pó, também conhecida como as partículas de consciência, ativas nos mundos.

A narrativa, ao apresentar o modo de agir de cada personagem fornece também focos possíveis de conflito e intrigas capazes de surgir. Esse mesmo processo é capaz de provocar ou manter as expectativas quanto ao desenvolvimento da trama no leitor, através do processo de serialização. A fórmula de distribuição de ação de personagens, a divisão da obra em episódios delimitados em livros e as informações fornecidas ao leitor em etapas geram a curiosidade no apreciador e constantemente fazem eles retornarem as obras em busca de pistas do desenrolar da história e dos detalhes que não foram percebidos na primeira leitura. São estes pontos a serem trabalhados no capítulo seguinte.

5. WILLIAM PARRY E LYRA BELACQUA

O leitor está habituado a associar a figura do herói ao de protagonista das histórias. O herói sempre foi relacionado nas narrativas como aquele que recebe todo o destaque, o que realiza feitos, conquista vitórias e tem sua vida e história contadas em detalhe.

As narrativas são sistemas cujos dominantes geralmente têm sido algum tipo de herói. (KOTHE, 2000, p. 7).

Para o autor Flávio R. Kothe, no livro *O Herói*, a chave do sistema está na dominante (2000, p.7). É como o leitor deve pensar sobre o herói. Pois ele agrega, direciona e comanda tanto os acontecimentos e situações como as personagens. Identificado ou determinado quem é o (s) herói (s) da (s) história (s) é que se atribui aos demais personagens quem é o vilão e também os amigos e aliados dele (s) na narrativa (s). A partir desse pressuposto, Kothe aponta três tipos de organização de heróis: o clássico (épico), trágico e trivial.

Os heróis clássicos são heróis de classe alta, que procuram demonstrar a “classe dessa classe”. (2000, p.12). Segundo a classificação de Kothe, o herói épico está rodeado por acontecimentos em que ele tem atitudes e atos mesmo considerados anti-heróicos, como mentir, matar e roubar. No entanto, mesmo assim esses atos o colocam na condição de herói, pois há uma justificativa para isso.

O que ajuda a engrandecer o herói épico é a sua dimensão trágica. O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história. (KOTHE, 2000, p. 15).

O autor completa:

Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boa parte de sua grandeza através de uma série de “baixezas” (matar, mentir, tripudiar cadáveres, enganar e mentir), a narrativa épica clássica,

adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é o da queda. Mas a queda do herói trágico é o que lhe possibilita resplandecer em sua grandeza, assim como as “baixezas” do herói épico é o que o “elevam”. (KOTHE, 2000, p.12).

“O herói trágico é o dominante do sistema constituído pela tragédia”. (KOTHE, 2000, p. 13). Para Kothe, o herói trágico é aquele que acaba cometendo deslizes, atos que ele se envergonha e se arrepende, que acontece exatamente em um momento de reviravolta na história.

Por fim, o herói trivial é aquele que mantém a sua postura e atitudes condizentes com sua coerência. Não existe reviravolta na sua maneira de ser e agir. É o caso de uma personagem plana ou linear. Isso é o que diferencia esse tipo de herói do vilão na narrativa. Na história há a exibição das grandezas, qualidades e virtudes do herói concomitantemente que é exacerbado os defeitos e características desprezíveis do vilão. Qualquer embate entre o herói e o vilão não produz mudança alguma em nenhuma das personagens. O herói reafirma suas virtudes e o vilão confirma sua falta de caráter.

Segundo a classificação de Kothe, Lyra e Will se configuram como heróis épicos e triviais. As atitudes negativas da heroína épica Lyra, tais como a mentira e a enganação são justificadas e perdoadas na narrativa. Ela mente porque é muito jovem, porque foi criada por catadráticos e não por seus pais, porque passa boa parte do tempo brincando e aprontando com os moleques nas ruas. Ela é também uma heroína trivial porque se mantém coerente ao longo dos três livros. Ela tem muitas virtudes e as mantém até o fim da história. Ela é leal aos seus sentimentos e amigos. Cumpre suas promessas ao amigo Roger até o último volume da série. Will Parry também pode ser classificado como um herói trivial por não mudar o seu comportamento e modo de agir. Mesmo vencendo batalhas ele não exhibe alteração em seu modo de ser e pensar. Bem como é também, segundo a tipologia de Kothe, um herói épico, pois ele mata durante as aventuras vividas ao lado de Lyra. No entanto, as pessoas que ele matou foi porque fora perseguido, agredido e só os matou para se defender. Mais uma vez há uma justificativa para o comportamento do herói. Durante a narrativa, mesmo sabendo da culpa de Will e Lyra, exibindo comportamentos, em alguns momentos, semelhantes aos dos vilões, o desenlace da narrativa é elaborada de uma forma a extirpar-lhes toda e qualquer culpa.

No primeiro livro da série, *A Bússola de Ouro*, Lyra tem um melhor amigo, Roger. Ele fora seqüestrado, mas ela, de forma heroica e brava o resgata. No entanto ela acaba o levando com ela para a casa do pai, Lorde Asriel, onde, por fim, irá o trair,

levando-o a ser assassinado por seu pai, devido a um dos seus experimentos.

Ela despertou com um homem sacudindo-lhe o braço. Então Pantalaimon acordou com um pulo e rosnou, e ela reconheceu Thorold. Ele segurava uma lamparina e nafta na mão trêmula.

- Senhorita, senhorita, levante-se depressa! Ele está quase delirando, desde que a senhorita foi dormir. Nunca vi meu amo tão descontrolado. Arrumou muitos instrumentos e várias baterias num trenó, atrelou os cachorros e partiu. Mas levou o menino, senhorita!

- Roger? Ele levou o Roger?

- Ele me disse para acordar e vestir o menino, e nem pensei em discutir, nunca fiz isso. O menino ficou perguntando pela senhorita, mas Lorde Asriel queria ele sozinho. Sabe, quando a senhorita chegou? Quando ele viu quem era, não queria acreditar, e ficou mandando a senhorita ir embora?

A cabeça de Lyra estava tão cheia de pensamentos e temores que ela mal conseguia pensar.

- Sei! Sei! – afirmou.

- Era porque ele precisava de uma criança para terminar a experiência, senhorita! E Lorde Asriel tem um jeitinho todo especial de conseguir o que quer; é só pedir e...

Agora a cabeça de Lyra estava cheia de trovões, como se ela estivesse tentando evitar que certa informação chegasse ao consciente.

Tinha saído da cama e ia vestir suas roupas quando caiu no chão de repente. Um agudo grito de desespero envolveu-a. o grito saía dela, mas era maior do que ela; era como se o desespero é que estivesse gritando. Pois ela havia se lembrado das palavras dele: a energia que une o corpo ao daemon é *imensamente poderosa*; e para servir de ponte entre os dois mundos era preciso *uma descarga de energia fenomenal*.

Ela acabava de perceber o que fizera.

Tinha lutado para chegar até ali para trazer algo para Lorde Asriel, pensando saber o que ele queria; e não era o aletômetro. Tudo que ele queria era uma criança.

E ela tinha trazido Roger para ele.

Por isso ele tinha gritando quando viu Lyra: “Não mandei buscá-la!”; ele mandara buscar uma criança, e o destino lhe trouxera sua própria filha – era o que ele havia pensando, até ver Roger.

Ah, que angústia terrível! Ela pensava que estava *salvando* Roger e o tempo todo estava trabalhando para trair o amigo... Lyra estremeceu, aos soluços, num frenesi de emoção. Aquilo não podia ser verdade! (PULLMAN, 1998, p. 397 – 398).

Em *A Faca Sutil*, na mundo em que localizava Cittàgaze existiam espectros que devoravam as almas dos jovens adultos e dos adultos. Na Torre dos Anjos de Cittàgaze vivia um jovem chamado Tullio que portava a faca mágica que além de abrir passagens para outros universos, era capaz de manter a distância os espectros do seu portador. Will luta com Tullio pela faca e sai vencedor do embate. No entanto, assim que a faca passou a ser de Will, Tullio fora atacado e morto pelos espectros.

E enquanto o homem fazia um curativo, Lyra sentiu Pantalaimon chamando-a silenciosamente para ir espiar pela janela. Ele era um gavião empoleirado na moldura da janela aberta, e tinha percebido um movimento lá embaixo. Ela juntou-se a ele e viu uma figura conhecida: a menina Angélica corria para seu irmão mais velho, Tullio, que estava parado com as costas apoiadas no muro do outro lado da passagem lateral, mexendo os braços no ar como se tentasse manter longe do rosto uma nuvem de morcegos. Ele então se virou e começou a passar as mãos pelas pedras do muro, examinando cada uma delas com atenção, contando-as, tateando pelas beiradas, curvando-se como se fugisse de alguma coisa às suas costas, sacudindo a cabeça....

Com um espasmo de náusea, Lyra compreendeu o que estava acontecendo: o rapaz estava sendo atacado pelos Espectros. Angélica sabia disso embora naturalmente não conseguisse vê-los, e o pequeno Paolo chorava e golpeava o ar, tentando afastá-los; mas não adiantava. Tullio estava perdido, seus movimentos ficaram cada vez mais letárgicos, e finalmente cessaram de todo. Angélica agarrou-se ao irmão mais velho, estremeando e sacudindo o braço dele, mas nada o despertava; e Paolo gritava o nome do irmão sem cessar, como se isso fosse trazê-lo de volta. (PULLMAN, 1997, p. 207 – 208).

No terceiro livro, *A Luneta Âmbar*, os heróis Lyra e Will enfrentam uma série de vilões, desde criaturas do mundo dos mortos até anjos celestiais. Mas o grande deslize justificado e perdoado pelos heróis fora matarem a Autoridade, Deus, quando na verdade acreditavam estar fazendo um bem, uma coisa boa; pensaram estar ajudando-o, libertando-o.

- Will – chamou Lyra – Will, olhe só para isso...

Ela estava olhando fixamente para a liteira de cristal. Estava intacta, embora o cristal estivesse manchado e lambuzado de lama e sangue do que os avantesmas-dos-penhascos tinham comido antes de a encontrar. Estava caída num ângulo estranho entre os pedregulhos e dentro dela....

- Ah Will, ele ainda está vivo! Mas, pobre-coitado...

Will viu as mãos de Lyra fazendo pressão contra o cristal, tentando alcançar o anjo e confortá-lo, pois era tão idoso e estava apavorado, chorando e gritando como um neném todo encolhido no canto mais baixo.

- Ele deve ser tão velho... Nunca vi ninguém sofrendo assim... Ah, Will, não podemos deixá-lo sair?

Will cortou o cristal com um único movimento e enfiou a mão para ajudar o anjo a sair. Enlouquecido e imponente, o ser idoso só conseguia chorar e balbuciar incoerentemente de medo, de dor e de infelicidade, e se encolheu para longe do que parecia mais uma ameaça.

- Não tenha medo – disse Will - , pelo menos podem os ajudar o senhor a se esconder. Venha, não vamos machucá-lo.

A mão trêmula pegou a mão dele e a segurou sem forças. O velho estava emitindo um lamento sem palavras, um gemido desconsolado, que se repetia sem parar, rangendo os dentes e, compulsivamente, arrancando as próprias penas com a mão livre; mas quando Lyra também enfiou a mão para ajudá-lo a sair, ele tentou sorrir e fazer uma medida, e seus olhos antiqüíssimos muito

fundos em meio às rugas piscaram para ela com inocente encantamento. E os dois, juntos, ajudaram o ser mais antigo de todos os tempos a sair da cela de cristal; não foi difícil, pois ele era leve como papel, e os teria seguido para qualquer lugar, uma vez que não tinha vontade própria e respondia à simples gentileza como uma flor ao sol. Mas, ao ar livre, não havia nada que impedisse o vento de lhe fazer mal, e, para a consternação dos dois, sua forma começou a perder consistência e a se dissolver. Apenas alguns minutos depois ele havia desaparecido completamente e a última imagem que Lyra e Will tiveram foi daqueles olhos, piscando de encantamento, e o som de um suspiro do mais profundo e exausto alívio. (PULLMAN, 2000, p. 447 – 448).

É importante ressaltar os valores que regem a construção de *Fronteiras do Universo* como uma ficção com discussões sobre fantasia e também descrença na religião católica, pois o autor, Philip Pullman, é agnóstico e estabelece como vilões os seres ligados diretamente à Deus, como os anjos (com exceção de dois que combatem ao lado de Will e Lyra) e os homens que trabalham e justificam suas ações em nome de Deus. As ações dos heróis Lyra e Will são pautadas no respeito às amizades que eles construíram e no respeito à vida alheia, mesmo que em alguns momentos eles cometam deslizes. As vitórias e conquistas deles são resultados do que eles acreditam e de como se comportaram. Lyra e Will por serem crianças comuns em seus respectivos universos, mas também por lutarem juntos contra a representação do que é estabelecido como o mal, e serem, por isso, heróis, permite uma grande identificação e admiração junto ao seu público-alvo.

A quebra do cotidiano, do viver a fantasia, do se entregar a ficção, a ponto de se tornar e se assumir fã da história, das personagens, dos livros, aproxima os jovens leitores através da internet, dos sites, blogs e das fan fics. As crianças e jovens de hoje não parecem apenas serem heróis e heroínas apenas nas histórias de ficção. Elas se inspiram em atitudes corajosas das heroínas dos livros e estão fazendo a diferença no mundo que conhecemos, assim como Lyra e Will, mas em outras conotações.

As crianças são participantes ativas nessa nova paisagem midiática, encontrando a própria voz por meio da participação em comunidades de fãs, declarando seus próprios direitos, mesmo diante de entidades poderosas e, às vezes, sem o conhecimento dos pais, se elas sentem que estão agindo corretamente. Ao mesmo tempo, por meio da participação, as crianças estão traçando novas estratégias para lidar com a globalização, com as batalhas em torno da propriedade intelectual e com os conglomerados midiáticos. Estão usando a internet para se conectar a crianças do mundo todo e, desse modo, encontrando interesses comuns e forjando alianças políticas. Por envolver pessoas de todas as idades, crianças e adultos, a comunidade de fãs de Harry Potter tornou-se um

espaço onde as conversas ocorriam entre diferentes gerações. Assim, ao tratarmos da pedagogia midiática, não podemos mais imaginá-la como um processo em que os adultos ensinam e as crianças aprendem. Devemos interpretá-la como um espaço cada vez mais amplo, onde as crianças ensinam umas às outras e onde, se abrissem os olhos, os adultos poderiam aprender muito. (JENKINS, 2006, p. 268 – 269).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se narrar é coisa muito antiga, refletir sobre o ato de narrar também o é”. (LEITE, 2006, p. 6). Isso implica em atender, entender e conhecer os gostos do público de uma narrativa. Bem como a elaboração dela deve priorizar todas as estruturas que possam auxiliar a apreciação e a memorização dos fatos, acontecimentos, situações e personagens presentes nos livros.

A série *Fronteiras do Universo*, nesse sentido, se apresenta como uma narrativa bem sucedida. Os números de vendas e publicidade, principalmente na Europa e Estados Unidos reafirmam esse sucesso. Dentre os fatores que tornaram essa série um sucesso contemporâneo, analisamos os livros apenas pela perspectiva editorial para a compreensão voltada para o campo da narrativa e formação do leitor, bem como os princípios básicos para o entendimento da construção do herói.

Assim questionamos como uma menina magricela, de cabelo desganhado, sem vaidade, que andava aprontando nas ruas junto com moleques, abandonada pelos pais, criada e educada por catedráticos, desatenta e contadora de mentiras esporádicas, pode se constituir como heroína? Como um garoto anti-social, desconfiado, sem amigos, com pai desaparecido e mãe que perdera o juízo pode se tornar um herói? Ambos poderiam representar figuras do anti-herói. No entanto, o que os fez tomar o caminho oposto?

Devemos considerar que esses mesmo fatores podem ser usados como mecanismo de aproximação e de identificação entre os leitores de ambos os sexos e os livros, como use em algum momento da leitura e aparência e o comportamento nada extraordinário dos heróis se constituíssem como próximo da realidade aos olhos dos leitores.

A própria trajetória de Lyra e Will é singular. Apesar de existir uma profecia antiga sobre Lyra, a respeito de uma garota que viria a marcar uma nova era, em momento algum ela se deixou abater ou se envaidecer da sua importância. Ao lado de Will, um parceiro, amigo e namorado encontrado por acaso, eles traçam juntos um longo percurso que os farão heróis, por meio de perdas, feitos e conquistas. Will e Lyra de status de garotos problemas se mostram fortes e espertos o bastante para adquirirem rapidamente o título de heróis. Isso alimenta a fantasia, o imaginário e o desejo de

jovens de que o mesmo pudesse lhes acontecer.

Lyra e Will não são heróis de conduta exemplar. Eles cometem erros, deslizes, às vezes se comportam mal, mas lutam por aquilo que eles acreditam, seguindo os seus ideais. São leais aos seus amigos e às suas famílias. Mesmo sendo capazes de levar à morte inimigos cruéis, bem como inocentes acidentalmente, ainda assim isso não afeta a condição deles de heróis e qualquer deslize ou descuido é justificado e perdoado.

No processo de construção da narrativa, o uso de personagens planas auxilia na memorização dos papéis desempenhados pelas personagens. Aliado a isso tem-se a estrutura seriada que tem a ferramenta da repetição dos acontecimentos para reafirmar os heróis como modelos de identificação e relembrar fatos que possam ter passado despercebidos ou foram esquecidos.

Apesar das críticas que a Liga Católica dos Estados Unidos fez aos livros de Philip Pullman, de “levar as crianças ao ateísmo”, vale lembrar que a série Fronteiras do Universo tem como objetivo entreter e divertir o público jovem, trazendo elementos diferentes, particulares e criativos para os contos de fadas. Pelo número de vendas dos livros, por ter tido uma adaptação para o cinema, pela discussão que gera em sites na internet, nisso o autor foi bem sucedido.

Em uma outra investigação de estudo podemos contemplar as influências de estrutura de construção do anti-herói e/ou vilão, composição do herói nos processos de adaptação para o cinema ou TV ou até mesmo um recurso didático para incentivo à leitura, que não foram realizados neste trabalho.

A literatura é de vital importância para o campo da comunicação, pois através da cultura de convergência os cidadãos vêm participando de forma mais efetiva da produção de conteúdo, seja através da criação de fan fics inspirados em histórias literárias, seja através da produção de vídeos caseiros com os fãs vestidos a caráter, fantasiados das suas personagens favoritas dos livros que mais admiram, sejam comparecendo às estréias nos cinemas das produções literárias fantasiados, por exemplo, como os bruxinhos de Harry Potter. Seja qual for a manifestação que a criança, jovem ou fã adulto expresse, ele é influenciado pela literatura e se comunica através da sua escolha e produz o seu próprio conteúdo.

O crescente número de sites e blogs na internet onde os autores analisam, comentam, criticam, elogiam e trocam qualquer tipo de informações sobre livros, está comprovando também a tamanha importância da literatura para a comunicação. Por mais que os autores dessas postagens não sejam profissionais especializados e críticos

culturais prontos para exercer papéis eles estão participando com direitos iguais em consumo, fruição e produção de conteúdo que são muito importantes para a cultura. E é a partir da internet, desses fenômenos sociais virtuais, tais como blogs, sites, das comunidades criadas em sites de relacionamentos e listas de discussões criadas por fãs em que se encontra a convergência das mídias é que talvez esteja um dos possíveis caminhos para que a crítica cultural especializada para um mercado com tendência a histórias seriadas para jovens leitores que encontra-se em expansão possa ter um olhar mais apurado e possa começar a se desenvolver de forma mais sólida e consistente em veículos de comunicação, levando em consideração a natureza literária para não haver desqualificação dos produtos.

A realização deste trabalho foi muito importante e proveitoso para mim pois permitiu que eu enxergasse isso com mais clareza e por estar inserida nesta realidade e universo de blogueiros que tem a literatura como destaque nas postagens, realizando uma atividade que não tenho qualquer tipo de preparo profissional para isso, como me arriscar a fazer comentários e críticas a livros, comparações entre autores e destacando livros conforme os gêneros literários.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1. LIVROS E SITES

ABALOS, Rafael. **Grimpow: o eleito dos templários**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2007.

ALLENDE, Isabel. **Zorro começa a lenda**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 2006.

BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O Universo do Romance**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1976.

BOYNE, John. **O menino do pijama listrado**. São Paulo: Editora: Companhia das letras, 2007.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon: a Senhora da Magia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007. vol. 1.

_____. **As brumas de Avalon: a Grande Rainha**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007. vol. 2.

_____. **As Brumas de Avalon: o Gamo-rei**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007. vol. 3.

_____. **As Brumas de Avalon: o Prisioneiro da Árvore**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2007. vol. 4.

BROOKS, Terry. **Trilogia A Viagem: Ilse, a bruxa**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006. vol. 1.

_____. **Trilogia A Viagem: Antrax, a criatura**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005. vol. 2.

_____. **Trilogia A Viagem: Morgawr, o bruxo**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005. vol. 3.

BROWN, Dan. **Fortaleza Digital**. São Paulo: Editora Sextante, 2005.

_____. **O código da Vinci**. São Paulo: Editora Sextante, 2006.

BUJUR, Flavia. **A profecia das pedras**. São Paulo: Editora Planeta Jovem, 2005.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia – Histórias de Deuses e Heróis**. Rio de Janeiro: Editora Martin Claret, 2006.

CADEMARTORI, Lúcia. **O que é literatura infantil**. São Paulo. Editora: Brasiliense, 1986.

CARRERO, Raimundo. **Os segredos da Ficção**. Rio de Janeiro: Editora: Agir, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Editora: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COLFER, Eoin. **Pânico no navio**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

_____. **Artemis Fowl: o menino prodígio do crime**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. vol. 1.

_____. **Artemis Fowl: uma aventura no Ártico**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. vol. 2.

_____. **Artemis Fowl: o código eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. vol. 3.

_____. **Artemis Fowl: a vingança de Opala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. vol. 4.

_____. **Artemis Fowl: a colônia perdida**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. vol. 5.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global Editora, 2002.

COOPER, Susan. **Os seis signos da luz**. São Paulo: Editora: Novo século, 2007.

CORNWELL, Bernard. **As Crônicas de Artur. O rei do inverno**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.1.

_____. **As Crônicas de Artur. O inimigo de Deus**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.2.

_____. **As Crônicas de Artur. Excalibur**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.3.

_____. **A Busca do Graal. O arqueiro**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.1.

_____. **A Busca do Graal. O andarilho**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.2.

_____. **A Busca do Graal. O herege**. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.3.

_____. **Série Crônicas Saxônicas**. O último reino. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2006. vol.1.

_____. **Série Crônicas Saxônicas**. O cavaleiro da morte. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.2.

_____. **Série Crônicas Saxônicas**. Os senhores do norte. Rio de Janeiro: Editora: Record, 2007. vol.3

COSTA, Ligia Militz da. **A poética de Aristóteles**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DAUSTER, Tânia; GARCIA, Pedro Benjamim. **Teia de autores**. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2000.

DUMAS, Alexandre. **Os três mosqueteiros**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2004.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.

_____. **Lector in fabula**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

_____. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006

EM Busca da Terra do Nunca. Direção: Marc Foster. Produção: Nellie Bellflower e Richard N. Gladstein. Roteiro: David Magee, baseado em peça teatral de Allan Knee. Intérpretes: Johnny Depp, Kate Winslet, Julie Christie, Dustin Hoffman e outros. Distribuição: Miramax Films / Buena Vista International / Lumière, 2004. Color, 106 min.

ENDE, Michael. **A história sem fim**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

EXUPERY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2000.

FLETCHER, Charlie. **Coração de Pedra**. Rio de Janeiro: Editora: Ediouro, 2007. vol.1.

GAIMAN, Neil. **Lugar nenhum**. São Paulo: Editora: Conrad, 2007.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora: Ática, 2006.

GRUEN, Sara. **Água para elefantes**. Rio de Janeiro: Editora: Sextante, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora: Aleph, 2006.

KHÊDE, Sonia Salomão. **Literatura infanto-juvenil**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1986.

KOTHE, Flavio R. **O herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LEITE, Ligia Chiappini. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora: Ática, 2000.

- LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007. Volume Único.
- MACHADO, Ana Maria. **Raul da ferrugem azul**. Rio de Janeiro: Editora: Salamandra, 1979.
- NESBIT, Edith. **O livro das criaturas extraordinárias**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.
- _____. **Os meninos e o trem de ferro**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- _____. **Cinco crianças e um segredo**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ORWEL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- PAOLINI, Christopher. **Trilogia da Herança: Eragon**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003. vol. 1.
- _____. **Trilogia da Herança: Eldest**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005. vol. 2
- PULLMAN, Philip. **Fronteiras do Universo: a Bússola de Ouro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. vol. 1.
- _____. **Fronteiras do Universo: a Faca Sutil**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. vol. 2.
- _____. **Fronteiras do Universo: a Luneta Âmbar**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007. vol. 3.
- _____. **A filha do fabricante de fogos de artifício**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- _____. Fascinantes histórias sobre magia e magos. In: NESBIT, E. et al. **A caverna dos magos**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- ROMANO, Eliane Palermo. **Não importa o lugar**. Rio de Janeiro: Editora: Nórdica, 1987.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997. vol. 1.
- _____. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. vol. 2.
- _____. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. vol. 3.

- _____. **Harry Potter e o cálice de fogo.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000. vol. 4.
- _____. **Harry Potter e a ordem da fênix.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003. vol. 5.
- _____. **Harry Potter e o enigma do príncipe.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005. vol. 6.
- _____. **Harry Potter e as relíquias da morte.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007. vol. 7.
- SNICKET, Lemony. **Desventuras em série.** Mau começo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. vol. 1.
- _____. **Desventuras em série.** A sala dos répteis. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 2.
- _____. **Desventuras em série.** O lago dos sanguessugas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 3.
- _____. **Desventuras em série.** Serraria baixo-astral. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 4.
- _____. **Desventuras em série.** Inferno no colégio interno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 5.
- _____. **Desventuras em série.** O elevador Ersatz. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. vol. 6.
- _____. **Desventuras em série.** A cidade sinistra dos corvos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. vol. 7.
- _____. **Desventuras em série.** O hospital hostil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 8.
- _____. **Desventuras em série.** O espetáculo carnívoro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. vol. 9.
- _____. **Desventuras em série.** O escorregador de gelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 10.
- _____. **Desventuras em série.** A gruta gorgônea. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. vol. 11.
- _____. **Desventuras em série.** O penúltimo perigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. vol. 12.
- _____. **Desventuras em série.** O fim. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. vol. 13.

- SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 39 – 66.
- TAVARES, Jorge. **A guerra das sombras**. São Paulo: Editora Novo Século, 2006.
- TOTA, Antônio Pedro; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História Geral**. São Paulo: Editora: Nova Cultura, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- _____. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- _____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 1980.
- TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002. vol. 1.
- _____. **O senhor dos anéis: as duas torres**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002. vol. 2.
- _____. **O senhor dos anéis: o retorno do rei**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002. vol. 3.
- _____. **O Hobbit**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.
- TROISI, Licia. **Crônicas do mundo emerso: a garota da terra do vento**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006. vol. 1.
- _____. **Crônicas do mundo emerso: a missão de senar**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006. vol. 2.
- _____. **Crônicas do mundo emerso: o talismã do poder**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005. vol. 3.
- VASCONCELOS, José Mauro. **Meu pé de laranja lima**. São Paulo: Ediora Melhoramentos, 2007.
- VERNE, Júlio. **A ilha misteriosa**. São Paulo: Editora Rideel, 2001.
- _____. **Viagem ao centro da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2005.
- _____. **Vinte mil léguas submarinas**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.
- _____. **Volta ao mundo em 80 dias**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.
- VIEIRA, Sônia Chagas; LUBISCO, Nídia Maria M. L. **Manual de Estilo Acadêmico**. Monografias, Dissertações e Teses. Salvador: Editora: EDUFBA. 2003.
- ZAFÓN, Carlos Ruiz. **A sombra do vento**. Rio de Janeiro: Editora: Objetiva, 2007.
- ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Editora: Intrínseca LTDA., 2007.
- _____. **Eu sou o mensageiro**. Rio de Janeiro: Editora: Intrínseca LTDA., 2007.

AMARAL, Fernanda Alamino do. Narrativas ficcionais seriadas: um estudo sobre Harry Potter. Disponível em http://www.facom.ufba.br/pex/2005_2/ Acesso em out. 2008.

FORASTIERI, André. A liberdade infinita da literatura juvenil. **Folha Online**, São Paulo, nov. 2002. Seção Sinapse Online. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u210.shtml>. Acesso em: 10 out.2009.

_____. O universo mágico brasileiro. **Folha Online**, São Paulo, nov. 2002. Sessão Sinapse Online. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u209.shtml>. Acesso em: 10 out. 2009.

HECK, Viviane Zimmerman. A influência da liberdade infantil na resolução dos conflitos das crianças. Disponível em http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=114 Acesso em: 03 mai. 2010.

MORELLI, Sonia Maria Dornellas. Literatura infanto-juvenil: a indústria cultural e a obra clássica adaptada. Disponível em <http://revistas.unipar.br/educere/article/viewFile/170/144>. Acesso em: 08 fev. 2009.

7.2. FICÇÃO TELEVISIVA E FÍLMICA

A BÚSSOLA de Ouro. Direção: Chris Weitz. Produção: Bill Carraro e Deborah Forte. Roteiro: Chris Weitz, baseado em livro de Philip Pullman. Intérpretes: Nicole Kidman, Daniel Craig, Dakota Blue Richards, Eva Green, Ben Walker, Jim Carter, Ian McKellen e outros. Distribuição: New Line Cinema / PlayArte, 2007. DVD (113 min.).

A FANTÁSTICA Fábrica de Chocolate. Direção: Tim Burton. Produção: Brad Grey e Richard D. Zanuck. Roteiro: John August, baseado no livro de Ronald Dahl. Intérpretes: Johnny Depp, Freddie Highmore, David Kelly, Helena Boham Carter, Noah Taylor e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2005. Color, 106 min.

A LENDA. Direção: Ridley Scott. Produção: Peter Guber, Arnon Milchan e Jon Peters. Roteiro: William Hjortsberg e Robert Nathan. Intérpretes: Tom Cruise, Mia Sara, Tim Curry, David Bennent, Alice Playten e outros. Distribuição: Foz Home Entertainment, 1985. 89 min.

A MÚMIA. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel e James Jacks. Roteiro: Stephen Sommers, Lloyd Fonvielle e Kevin Jarre, baseado no roteiro escrito para o filme *A Múmia* (1932), por John L. Balderston. Intérpretes: Brendan Fraser, Rachel Weisz, John Hannah, Arnold Vosloo, Kevin J. O'Connor e outros. Distribuição: Universal Pictures / UIP, 1999. Color, 124 min.

AS BRUMAS de Avalon. Direção: Uli Edel. Produção: Gideon Amir e Bernard Eichinger. Roteiro: Gavin Scott, baseado no livro de Marion Zimmer Bradley. Intérpretes: Anjelica Huston, Juliana Murgulies, Joan Allen, Edward Atterton e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2001. 180 min.

AS CRÔNICAS de Nárnia – O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção: Andrew Adamson. Produção: Mark Johnson. Roteiro: Ann Peacock, Andrew Adamson, Christopher Markus e Stephen McFeely, baseado no livro de C.S. Lewis. Intérpretes: Georgie Henley, William Moseley, Skandar Keynes, Anna Popplewell, Tilda Swinton, James McAvoy e outros. Distribuição: Walt Disney Pictures / Buena Vista International, 2006. Color, 140 min.

ERAGON. Direção: Stefan Fangmeier. Produção: John Davis, Wyck Godfrey e Adam Goodman. Roteiro: Peter Buchman, Mark Rosenthal, Jesse Wigutow e Lawrence Konner, baseado em livro de Christopher Paolini. Intérpretes: Edward Speelers, Sienna Guilory, Garrett Hedlund, Djimon Houson, John Malkovich e outros. Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation, 2006. Color, 104 min.

E.T. - O extraterrestre. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg e Kathleen Kennedy. Roteiro: Melissa Mathison. Intérpretes: Henry Thomas, Dee Wallace, Drew Barrymore, Peter Coyote e outros. Distribuição: Universal Home Vídeo, 1982. Color, 120 min.

HARRY Potter e A pedra filosofal. Direção: Chis Columbus. Produção: David Heyman. Roteiro: Steven Kloves, baseado em livro de J.K. Rowling. Intérpretes: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2002. DVD (152 min.).

HARRY Potter e A câmara secreta. Direção: Chis Columbus. Produção: David Heyman. Steven Kloves, baseado em livro de J.K. Rowling. Intérpretes: Daniel

Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2002. DVD (161 min.).

HARRY Potter e O prisioneiro de Azkaban. Direção: Alfonso Cuarón. Produção: David Heyman. Roteiro: Steven Kloves, baseado em livro de J.K. Rowling. Intérpretes: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2004. DVD (139 min.).

HARRY Potter e O cálice de fogo. Direção: Mike Newell. Produção: David Heyman. Roteiro: Steven Kloves, baseado em livro de J.K. Rowling. Intérpretes: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2005. DVD (157 min.).

HARRY Potter e A ordem da Fênix. Direção: David Yates. Produção: David Heyman e David Barron. Roteiro: Michael Goldenberg, baseado em livro de J.K. Rowling. Intérpretes: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2007. DVD (138 min.).

MULHER-GATO. Direção: Pitof. Produção: Denise Di Novi e Edward McDonnell. Roteiro: John D. Brancato, Michael Ferris e John Rodgers, baseado em estória de Theresa Rebeck, John D. Brancato e Michael Ferris e nos personagens criados por Bob Kane. Intérpretes: Halle Berry, Sharon Stones, Benjamin Bratt e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2004. 104 min.

O ESCORPIÃO Rei. Direção: Chuck Russell. Produção: Sean Daniel, James Jacks, Linda McMahon, Vince McMahon e Stephen Sommers. Roteiro: David Hayter, William Osborne e Stephen Sommers, baseado na história de Stephen Sommers e Jonathan Hales. Intérpretes: Dwayne Johnson, Steven Brand, Kelly Hu, Michael Clarke Duncan, Sherri Howard e outros. Distribuição: Universal Pictures / UIP, 2002. Color, 89 min.

O PEQUENO príncipe. Direção: Stanley Donen de Lerner. Produção: Stanley Donen de Lerner. Roteiro: Alan Jay Lerner, baseado na obra de Antoine de Saint-Exupéry. Intérpretes: Richard Kiley, Steven Warner, Bob Fosse, Gene Wilder e outros. Distribuição: Paramount Pictures, 1974, color. 88 min.

O RETORNO da Múmia. Direção: Stephen Sommers. Produção: Sean Daniel e James Jacks. Roteiro: Stephen Sommers. Intérpretes: Brendan Fraser, Rachel Weisz, John Hannah, Arnold Vosloo, Adewale Akinnuoye-Agbaje, Freddie Boath e outros. Distribuição: Universal Pictures / UIP, 2001. Color, 129 min.

O SENHOR dos anéis. A sociedade do anel. Direção: Peter Jackson. Produção: Peter Jackson, Barrie M. Osborne e outros. Roteiro: Francês Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson, baseado na obra de J. R. R. Tolkien. Intérpretes: Elijah Wood, Ian McKellen, Liv Tyler, Viggo Mortensen e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2001. DVD (178 min.).

O SENHOR dos anéis. As duas torres. Direção: Peter Jackson. Produção: Peter Jackson, Barrie M. Osborne e outros. Roteiro: Francês Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson, baseado na obra de J. R. R. Tolkien. Intérpretes: Elijah Wood, Ian McKellen, Liv Tyler, Viggo Mortensen e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2002. DVD (179 min.).

O SENHOR dos anéis. O retorno do rei. Direção: Peter Jackson. Produção: Peter Jackson, Barrie M. Osborne e outros. Roteiro: Francês Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson, baseado na obra de J. R. R. Tolkien. Intérpretes: Elijah Wood, Ian McKellen, Liv Tyler, Viggo Mortensen e outros. Distribuição: Warner Brothers, 2003. DVD (201 min.).

OS INCRÍVEIS. Direção: Brad Bird. Produção: John Walker. Roteiros: Brad Bird. Intérpretes: Craig T. Nelson, Holly Hunter, Samuel L. Jackson, Jason Lee, Dominique Louis, Teddy Newton e outros. Distribuição: Buena Vista Pictures, 2004. Color, 115 min.

PIRATAS do Caribe - A maldição do Pérola Negra. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Roteiro: Ted Elliott, Terry Rossio e Jay Wolpert. Intérpretes: Johnny Depp, Orlando Bloom, Geoffrey Rush, Keira Knightley, Jonathan Price e outros. Distribuição: Buena Vista Pictures, 2003. Color, 143 min.

PIRATAS do Caribe – O baú da morte. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Roteiro: Ted Elliott e Terry Rossio, baseado nos personagens criados por Ted Elliott, Terry Rossio, Stuart Beattie e Jay Wolpert. Intérpretes: Johnny Depp, Orlando Bloom, Bill Nighy, Keira Knightley, Jonathan Price e outros. Distribuição: Buena Vista Pictures/ Walt Disney Studios, 2006. Color, 145 min.

PIRATAS do Caribe – No fim do mundo. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Roteiro: Ted Elliott e Terry Rossio, baseado nos personagens criados por Stuart Beattie, Ted Elliott, Terry Rossio e Jay Wolpert. Intérpretes: Johnny Depp, Orlando Bloom, Geoffrey Rush, Keira Knightley, Jonathan Price e outros. Distribuição: Buena Vista Pictures, 2007. Color, 168 min.

QUARTETO Fantástico. Direção: Tim Story. Produção: Avi Arad, Michael Barnathan, Chris Columbus, Bernd Eichinger e Ralph Winter. Roteiro: Michael France e Mark

Frost, baseado nos personagens criados por Jack Kirby e Stan Lee. Intérpretes: Ioan Gruffudd, Michael Chiklis, Jessica Alba, Chris Evans, Julian McMahon e outros. Distribuição: 20th Century Fox Film Corp., 2005. Color, 123 min.

QUARTETO Fantástico e o Surfista Prateado. Direção: Tim Story. Produção: Avi Arad, Bernd Eichinger e Ralph Winter Roteiro: Mark Frost, baseado nos personagens criados por Jack Kirby, Don Payne e Stan Lee. Intérpretes: Ioan Gruffudd, Michael Chiklis, Jessica Alba, Chris Evans, Julian McMahon, Doug Jones e outros Distribuição: 20th Century Fox / 1492 Pictures / Dune, 2007. Color, 92 min.

SHREK. Direção: Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron Warner e John H. Williams. Roteiro: Ted Elliott, Terry Rossio, Joe Stillman e Roger S.H. Schulman, baseado em livro de William Steig. Intérpretes: Mike Myers, Eddie Murphy, Cameron Diaz, John Lithgow, Vincent Cassel e outros. Distribuição: DreamWorks Distribution L.L.C. / UIP, 2001. Color, 93 min.

SHREK 2. Direção: Andrew Adamson, Kelly Asbury e Conrad Vernon. Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron Warner, David Lipman e John H. Williams. Roteiro J. David Stern, Joe Stillman e David N. Weiss, baseado nos personagens criados por William Steig. Intérpretes: Mike Myers, Eddie Murphy, Cameron Diaz, Antonio Banderas, Julie Andrews, Rupert Everett e outros. Distribuição: DreamWorks Distribution L.L.C. / UIP, 2004. Color, 105 min.

SHEREK Terceiro. Direção: Chris Miller. Produção: Aron Warner. Roteiro: Jeffrey Price, Peter S. Seaman e Jon Zack, baseado nos personagens do livro de William Steig. Intérpretes: Mike Myers, Eddie Murphy, Cameron Diaz, Antonio Banderas, Julie Andrews, Rupert Everett e outros. Distribuição: DreamWorks Distribution / Paramount Pictures / UIP, 2007. Color, 93 min.

STARDUST – O mistério da estrela. Direção: Matthew Vaughn. Produção: Lorenzo di Bonaventura, Michael Dreyer, Neil Gaiman e Matthew Vaughn. Roteiro: Jane Goldman e Matthew Vaughn, baseado em graphic novel de Neil Gaiman. Intérpretes: Charlie Cox, Claire Danes, Robert De Niro, Sienna Miller, Michelle Pfeiffer, Ian McKellen e outros. Distribuição: Paramount Pictures / UIP, 2007. Color, 166 min.